



Universidade de Aveiro

Ano 2014

Departamento de
Comunicação e Arte

BRUNO PEREIRA MOREIRA

**PONTES SONORAS –
ROTEIRO DE
PORTUGAL**



**Universidade de
Aveiro**

Departamento de
Comunicação e Arte

Ano 2014

**BRUNO
PEREIRA
MOREIRA**

**PONTES SONORAS –
ROTEIRO DE PORTUGAL**

Projeto educativo apresentado à Universidade de Aveiro, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música, realizada sob a orientação científica da Doutora Sara Carvalho, Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

À Maria e ao João

o júri

Presidente

Professor Doutor Paulo Maria Ferreira Rodrigues da Silva
Professor Auxiliar, Universidade de Aveiro

Vogal - Arguente principal

Professora Doutora Maria da Graça Parente Figueiredo da
Mota
Professora Coordenadora Aposentada, Escola Superior de Educação do
Instituto Politécnico do Porto

Vogal – Orientador

Professora Doutora Sara Carvalho Aires Pereira
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

agradecimentos

Em primeiro lugar aos meus pais e irmão, que são e serão sempre o meu pilar de apoio e à Paula que para além de todo o apoio, foi aguentando na retaguarda os nossos filhos

Aos professores que me conduziram até este ponto, e destes saliento a Professora Ana Maria Ribeiro, o Professor António Mário e a Professora Sara Carvalho, que em diferentes fases me influenciaram profundamente.

Ao André e ao meu tio Eduardo que também muito contribuíram na elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos que, por vezes, sem terem a noção, me foram ajudando durante todo este processo.

Ao executivo da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, à APPACDM de Albergaria-a-Velha e as bandas do concelho, que me permitiram e apoiaram na construção do espetáculo que deu origem a este trabalho.

palavras-chave

Música na comunidade; bandas filarmónicas; inclusão; deficiência.

Resumo

Este trabalho insere-se na disciplina Projeto Educativo, do Mestrado em Ensino da Música, da Universidade de Aveiro. A área de desenvolvimento deste projeto foi a Música na Comunidade. A inclusão de comunidades que normalmente estão mais isoladas na sociedade, como as comunidades relacionadas com a área da deficiência, foram a população alvo deste projeto. A música foi o elo de ligação entre esta comunidade e as diferentes comunidades e serviu de meio facilitador à inclusão.

O objetivo deste projeto foi a inclusão dos utentes da comunidade especial num projeto que lhes desse prazer e alegria. Em relação aos músicos, pretendeu-se quebrar barreiras e preconceitos.

Foi realizado no concelho de Albergaria-a-Velha, e teve a participação de utentes da APPACDM Albergaria-a-Velha e músicos das 5 bandas filarmónicas do concelho: AIRA – Associação de Instrução e Recreio Angejense, ARMAB – Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca, Banda Filarmónica do Grupo Desportivo e Cultural de Ribeira de Fráguas, Banda Recreativa União Pinheirense, Banda Velha União Sanjoanense.

Deste trabalho resultou uma apresentação pública de um espectáculo com estes participantes no Cineteatro Alba no dia 4 de Junho de 2014. O espectáculo consistiu em canções populares que levaram os espetadores a percorrer Portugal. Estas canções foram interpretadas de diferentes formas, em que os músicos iam interagindo com os utentes.

Como legado deste projeto, ficaram as sessões de música na

instituição e a intenção de voltar a realizar este tipo de espectáculos, onde a inclusão seja sempre o objetivo a atingir.

keywords

Community music; windbands; inclusion; disabilities.

abstract

This work is part of the discipline Projeto Educativo, the Master of Music Education from the University of Aveiro. The area of development of this project was the Community Music. The inclusion of communities typically more isolated in society, as communities related to the area of disability, were the target population for this project. The music was the link between this community and the different communities and served as a facilitator for inclusion.

The objective of this project was the inclusion of a special community users in a project to give them pleasure and joy. Regarding musicians, it aims to break down barriers and preconception.

Realized in the municipality of Albergaria-a-Velha, and had the participation of users APPACDM Albergaria-a-Velha and musicians of 5 wind bands of the municipality: AIRA – Associação de Instrução e Recreio Angejense, ARMAB – Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca, Banda Filarmónica do Grupo Desportivo e Cultural de Ribeira de Fráguas, Banda Recreativa União Pinheirense, Banda Velha União Sanjoanense.

This work resulted in a public presentation of a show with these participants, in the Cineteatro Alba on 4 June 2014. The show consisted of popular songs that brought the spectators to travel Portugal. These songs have been interpreted in different ways, in which the musicians were interacting with users.

As a legacy of this project were the music sessions in the institution and the intention to repeat this kind of shows where the inclusion is always the goal to achieve.

“Que meio mágico é este que nos emociona, encanta, incute energia e nos cura?”

Num instante, a música pode elevar-nos a alma. Desperta em nós o espírito da oração, compaixão e amor. Desanuvia-nos a mente e torna-nos reconhecidamente mais inteligentes.

Dançar ou cantar ao som da música pode afastar a nossa tristeza. Evoca recordações de amantes perdidos ou amigos falecidos. Deixa brincar a criança dentro de nós, rezar o monge que nos habita, dançar a foliona que existe em nós e o herói, que temos em nós, ultrapassar todos os obstáculos.”

Campbell (2000: pág. 21)

Índice

Introdução.....	13
CAPÍTULO I – Revisão Bibliográfica	16
1.1. A Música na Comunidade	17
1.2. Populações com Necessidades Especiais e a Música.....	21
1.3. Bandas filarmónicas.....	25
CAPÍTULO II – O Projeto Educativo	26
2.1. Organização do evento	26
2.1.1. Da ideia à concretização – construção do espetáculo	27
2.1.2. Planeamento do “ Pontes Sonoras”	31
2.1.2.1. Objetivos a atingir	31
2.1.2.2. Público-alvo e parceiros	32
2.1.2.3. Recursos necessários (humanos e materiais)	32
2.1.2.4. Participantes.....	32
2.1.2.4.1. Utentes.....	32
2.1.2.4.2. Auxiliares	33
2.1.2.4.3. Músicos	33
2.1.2.5. Custos do projeto	34
2.1.2.6. Data do evento e local de realização do evento	35
2.1.2.7. Calendarização	36
2.1.3. Preparação do evento	36
2.1.3.1. Resumo das sessões com o grupo de utentes	37
2.1.3.2. Sessões de ensaios em conjunto.....	43
2.1.4. Partituras	49
2.1.5. Guião do espetáculo.....	50
2.2. Descritivo do espetáculo.....	55
CAPÍTULO III – Testemunhos e reflexão.....	62
Breve reflexão	65
Conclusão final.....	66
Bibliografia	67
Anexos.....	71
DVD	111

CD.....	112
---------	-----

Índice de ilustrações

Ilustração 1 - Página da Agenda Municipal referente ao espetáculo "Pontes Sonoras"	26
Ilustração 2 - Foto geral de todo o grupo em palco, nos momentos finais do espetáculo.....	34
Ilustração 3 - Vista para o palco do final da 1ªplateia.....	35
Ilustração 4 - Vista para o palco do Balcão	35
Ilustração 5 - Sessão na instituição no dia da assinatura do protocolo	41
Ilustração 6 - Primeiro ensaio de conjunto no palco	44
Ilustração 7 - Visita da artista Sara Tavares ao ensaio de conjunto.....	46
Ilustração 8 - Foto do grupo com a artista Sara Tavares.....	46
Ilustração 9 - Ensaio de conjunto na Sala Estúdio.....	47

Índice de tabelas

Tabela 1 - lista de músicas e respetivas regiões.....	28
Tabela 2- Guião Pontes Sonoras – Roteiro de Portugal	54

Introdução

O presente documento, referente ao projeto educativo, foi designado por "Pontes Sonoras – Roteiro de Portugal" e foi realizado no âmbito da disciplina "Projeto Educativo", parte integrante do Mestrado em Ensino de Música.

O acumular de experiências académicas, profissionais e pessoais, leva-nos, por vezes, a seguir trajetos que não seriam os idealizados, à partida. O projeto aqui realizado não é mais do que o culminar das várias e diversificadas experiências pessoais e profissionais, nos meus diferentes percursos pela área da música, que me marcaram e moldaram, ajudando-me a crescer como pessoa, músico, formador e professor.

A escolha da população com necessidades especiais resultou de duas propostas de ação que me foram proporcionadas e que me permitiram interagir com essas pessoas. A primeira dessas propostas levou-me a desenvolver trabalho com colegas universitários com dificuldades na mobilidade e, a segunda, com utentes da CerciGaia.

A primeira experiência foi fruto da disciplina de Música, Educação e Comunidade, leccionada pelo Professor Paulo Rodrigues, onde tive a oportunidade de contactar diretamente com pessoas com limitações ao nível da mobilidade, que eram colegas estudantes de outros cursos da universidade. Esta foi uma experiência muito enriquecedora, pois a partilha de momentos com este grupo ajudou-me a ver o mundo de uma outra perspetiva diferente, tornando-me mais sensível a determinados pormenores aos quais, até então, não dava especial relevância. Dito de outra forma, ensinou-me a olhar para algumas coisas de diferentes ângulos, para melhor entender e interagir, selecionando novas e mais adequadas metodologias e estratégias de intervenção.

Embora esta experiência, com colegas universitários, tenha sido marcante, foi a segunda que enunciei anteriormente que se consubstanciou como a melhor experiência que tive nesta área, tendo decorrido na formação de Animadores Musicais da Casa da Música, no Porto, na qual, em um dos módulos, tive a oportunidade de interagir com os utentes da CerciGaia. Foi uma experiência diferente da anterior, uma vez que a maioria destas pessoas possuía limitações ao nível cognitivo. O trato fácil e extremamente afetivo, característico desta população, tornaram esta experiência de tal forma marcante para o meu crescimento, que não a vou esquecer durante

o resto da minha vida. Muito rapidamente, percebi que estas pessoas são autênticas e que mostram sem filtros de qualquer espécie, genuinamente, o que realmente sentem e acham, enquanto a pessoa sem necessidades especiais, por mais que seja aberta e sincera, tem barreiras comportamentais adquiridas que não a deixam mostrar completamente o que realmente é e sente. Esta autenticidade atraiu-me e fez-me gostar muito de trabalhar com esta população.

Relativamente à escolha da instituição, e tendo em conta que no município de Albergaria-a-Velha, local onde pretendia desenvolver o meu trabalho, apenas existe uma instituição inteiramente dedicada a esta população - a Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental – APPACDM, núcleo de Albergaria-a-Velha, a opção foi fácil.

No que diz respeito à área da música, existe uma proximidade e "gosto" pela música feita pelos instrumentos de sopro e, mais concretamente, pela música de banda filarmónica. Pertencer a uma associação há mais de metade da minha vida, como músico filarmónico, já faz parte da minha personalidade. Daí a vontade natural de trabalhar nesta área, tendo surgido, assim, a ideia de juntar uma população especial e uma banda filarmónica.

O pertencer a este meio musical, aliada ao facto de, inclusive, já ter exercido funções na FAMDA – Federação de Associações Musicais do Distrito de Aveiro, e, profissionalmente, ainda exercer funções relacionadas com a produção de concertos – o que me permite trabalhar com este tipo de associações quando estas têm algum evento no Cineteatro Alba – deu-me alguma sensibilidade e facilitou os contactos com as várias bandas do município de Albergaria-a-Velha, de onde acabei por convidar os músicos para formar a banda.

Com isto, o meu projeto propôs-se conciliar várias vertentes que me estão inerentes: a música, as bandas filarmónicas e o trabalho com populações especiais que me é tão querido. Para a concretização do projeto, foi feita uma proposta à Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, com o objetivo de se iniciarem sessões de música nesta instituição, tendo sido criado um projeto novo para o efeito. Assim, este projeto tornou-se um impulsionador do programa “Incluir +”, fazendo com que estas atividades chegassem, de forma gratuita, a esta instituição.

A pertinência da criação deste projeto é muito forte, pois o concelho tem, ao nível do Ensino Especial, uma cobertura muito bem organizada e torna-se importante chegar à população fora da idade escolar e aprofundar o que já se faz.

Estruturalmente, o documento está dividido da seguinte forma: início, com a introdução que fala sobre a incidência, o propósito e o conteúdo do presente documento; a dimensão pessoal, onde retrato algumas fases do meu percurso acadêmico, formativo e pessoal; a primeira parte, onde se encontra a Revisão Bibliográfica e onde reflito sobre o tema; a segunda parte, que é reservada ao Projeto Educativo e a tudo o que envolveu o seu desenvolvimento; e a última parte, que serve para refletir sobre o projeto e deixar alguns testemunhos de participantes.

CAPÍTULO I – Revisão Bibliográfica

Neste projeto, pretende-se dar acesso à experiência de fazer música e não a de ouvir música e vivenciar algo que é mágico. A música é algo tão especial e mágico que nos provoca as mais variadas sensações e sentimentos e pretendemos que ela desperte na população a vontade de "dançar a foliona que existe em nós (...) ultrapassar todos os obstáculos." Campbell (2000: pág 21).

A elaboração deste documento pretende relatar e contextualizar as vivências de todo este projeto e caracterizá-lo de forma, a que quem leia este documento possa perceber todas as suas dimensões.

Neste projeto, não se pretende que a música seja o fim, mas sim o meio e, pensando em sistema educativo, Sousa (2003: pág 23) diz-nos que este projeto será de educação pela música, pois pretende-se proporcionar meios para satisfação das necessidades de desenvolvimento, com especial incidência nas necessidades de exploração e "integração no mundo sonoro, de expressão e de criação." Sousa (2003) diferencia, assim, a educação musical da educação pela música, em que a primeira tem como fim a "música", a apreensão de conhecimentos acerca desta e de como a executar.

1.1. A Música na Comunidade

Segundo Vale (2008: pág 8), palavra música “provém do termo grego musiké, através do qual a Antiguidade Grega designava, inicialmente, as artes musas – poesia e dança – como uma unidade e, mais tarde, a arte dos sons. Contém dois elementos: o material acústico e a ideia intelectual, que não coexistem somente como forma e conteúdo, mas combinam-se na música para formar uma imagem una”.

Segundo Canto (2010), a música, nas suas origens primitivas, era composta não mais do que por um ou dois elementos. O ritmo era, primeiramente, percebido pelo bater do coração, o som dos passos, o som dos objetos que eram produzidos. Só mais tarde, através de sons como roncões, uivos e berros é que se foram desenvolvendo as primeiras formas de ritmo e de canto. A música provavelmente estará interligada com a dança, desde o início, onde faziam parte de rituais. Após esta primeira fase de uso dos pés e das mãos, passou-se a utilizar instrumentos de madeira. A evolução acompanhou, assim, o Homem ao longo dos anos, o que faz da música “uma expressão espontânea de vida, um meio de comunicação que só o ser humano desenvolveu até ao nível daquilo que hoje consideramos como arte” (Canto, 2010: pág 38).

A música, nos dias de hoje, aparece como meio de comunicação, mas nem só dessa forma. Neste projeto, iremos centrar-nos na Música na Comunidade. Segundo Veblen & Olsson (2002), existem diversas definições ou formas de entender a música na comunidade, embora todas elas se direcionem para pessoas a fazerem música de diferentes formas: criada, executada e improvisada.

O significado de Música na Comunidade é bastante abrangente e, por vezes, interpretado de diferentes formas. Ao ser tão abrangente e, ao mesmo tempo, aberto, é difícil a sua definição universal. A habitual mistura de descrições das organizações, com abordagens artísticas e pedagógicas, com as definições que fundamentam as atividades, não ajuda à definição correta. Ainda para tornar mais difícil a definição, os músicos “ditos” de comunidade surgem nos mais variados contextos de Música Higgins, (2010).

A Música na Comunidade é rotulada com práticas informais e, por isso, nem sempre teve a importância que levasse à sua investigação em educação musical, embora haja consenso sobre o valor desta para o bem-estar, como estímulo à auto confiança e como instrumento de inclusão e

de terapia, tanto para pessoas que implementam estes projetos, como para músicos clássicos, formais e eruditos, segundo Lamela (2013).

Para Higgins (2012), a Música na Comunidade acontece quando existe a participação de músicos qualificados, sendo eles facilitadores de experiências musicais em grupo, e que não sigam um currículo pré-estabelecido. Nestes grupos, dá-se ênfase à participação, às oportunidades iguais e à diversidade. Os músicos facilitadores procuram criar experiências práticas relevantes e acessíveis aos participantes.

Higgins (2010) propõe 3 perspectivas da Música na Comunidade:

- como “música de uma comunidade”;
- como “prática musical comunitária”;
- como uma intervenção ativa entre um líder musical e participantes.

A música, como indicador de uma identidade musical de um grupo particular de pessoas, pode ser designada por Música na Comunidade, como se refere a primeira perspectiva, de Higgins (2010). Exemplo disso, é o “drum damba”, festival de música de Ano Novo do povo Dagbamba, no Gana.

A segunda perspectiva de Higgins (2010), embora parecida com a primeira, descreve o que é ser parte dessa música ou o que é ser exposto a ela.

A terceira perspectiva leva-nos a que a Música na Comunidade esteja fora das situações de ensino formal e podemos encará-la como uma abordagem de prática musicalmente ativa. Nesta perspectiva, os líderes musicais intervêm intencionalmente e orientam experiências de práticas musicais em grupo Higgins, (2010).

Já Veblen (2008) enuncia 5 pontos a considerar na Música na Comunidade:

- o tipo de música e que música fazem no programa da Música na Comunidade;
- as intenções do(s) líder(es) e participantes;
- as características dos participantes;
- a interação entre os objetivos de ensino-aprendizagem, o conhecimento e as estratégias;
- a interação entre os contextos sócio-educativo-culturais formais e informais.

A Música na Comunidade começou a ser estudada há relativamente pouco tempo como uma disciplina e tem vindo a crescer desde os anos 80 do século passado, segundo Higgins (2010). Higgins também nos diz que já deixou de ser uma disciplina exclusivamente prática, sendo já uma temática de investigação por parte de diversos investigadores.

A Community Music Activity Commission (CMA) (2000) definiu 14 pontos que procuram delinear a natureza da Música na Comunidade Higgins, (2012):

1. *Emphasis on a variety and diversity of musics that reflect and enrich the cultural life on the community and of the participants;*
2. *Active participation in music making of all kinds (performing, improvising, and creating);*
3. *The development of active musical knowing (including verbal musical knowledge where appropriate);*
4. *Multiple learner/teacher relationships and processes*
5. *A commitment to lifelong musical learning and access for all members of the community;*
6. *An awareness of the need to include disenfranchised and disadvantaged individuals or groups;*
7. *A recognition that participants social and personal growth are as important as their musical growth;*
8. *A belief in the value and use of music to foster intercultural acceptance and understanding;*
9. *Respect for the cultural property of a given community and acknowledgment of both individual and group ownership of musics;*
10. *An ongoing commitment to accountability through regular and diverse assessment and evaluation procedures;*
11. *Encouragement as a personal delight and confidence in individual creativity;*
12. *Flexible teaching, learning, and facilitation models (oral, notational, holistic, experimental, analytic);*
13. *Excellence/quality in both the process and products of music making relative to individual goals of participants;*

14. *The honoring of origins and intents of specific musical practices.*

Para Lamela (2013), a Música na Comunidade sustenta-se, assim, em ideais sociais em que a igualdade, o acesso, a descentralização e a participação ativa são partes essenciais e os princípios básicos. Além disto, o bem-estar dos participantes e a participação deles, são valores importantes, para que haja um estímulo à sua autoconfiança, ao seu crescimento pessoal e fortalecimento da consciência, além da sua inclusão num grupo. O resultado musical é deixado para segundo plano, em relação ao processo de criação.

Uma das grandes diferenças do ensino formal da música e a Musica na Comunidade, é que o músico da comunidade é completamente diferente do professor, pois a sua formação é vista como um treino e, neste treino, o músico é líder, promotor, gestor de projeto e empreendedor, pois só assim consegue que o seu grupo interaja e desenvolva o projeto.

Em Portugal, como nos diz Veblen (2008), a Música na Comunidade é recente e procura conhecer as necessidades das diferentes comunidades. O Serviço Educativo da Casa da Música, no Porto, é um bom exemplo disso, tendo como objetivos a promoção do interesse pela música e proporcionar oportunidades para a fruição e criação livre e autónoma. De facto, com os diferentes projetos que alberga e promove, consegue chegar a diferentes segmentos da comunidade. A importância deste serviço é de tal forma marcante que até tem a sua própria agenda de atividades publicada e onde tem uma “vasta equipa comprometida em proporcionar aos mais diversos públicos, de bebés a seniores, uma vivência musical válida, criativa e, se possível, integral” (Prendas, 2014: pág 7).

1.2. Populações com Necessidades Especiais e a Música

Atualmente, a preocupação com as populações com necessidades especiais está na ordem do dia, como o provam as agendas políticas de diversos países e a sua participação em eventos relacionados com esta temática. Um exemplo disso foi a Conferência Mundial de Educação Especial, em Salamanca, no ano de 1994. Esta conferência teve a importância de criar um compromisso entre países participantes de dar as melhores condições possíveis a estas «populações especiais». E nestas últimas duas décadas, é o que se tem vindo a verificar. Internacionalmente, um vasto leque de profissionais, envolvidos nesta área, está a unir esforços no sentido de dar a estes indivíduos a melhor resposta possível no que se refere às suas necessidades de natureza físico-motora, cognitivo-intelectual e socio-emocional. Esta população, que não é residual, e que tem características muito próprias por apresentar limitações mais ou menos acentuadas, de natureza congénita ou adquirida, de forma isolada ou em simultâneo com os diferentes domínios da sua existência enquanto indivíduos inseridos na sociedade, deverá merecer um cuidado particular por parte da sociedade. Por isso, a população e os seus governantes estão a tentar, aos poucos, reajustar as estruturas sociais e modos de vida no sentido de promover atividades e formas de ocupação diversificadas e ajustadas às diferentes faixas etárias.

Segundo Diniz, Squinca & Medeiros (2007), a deficiência é caracterizada pelas limitações básicas que determinado ser humano sente no decorrer da sua vida e no desempenhar de determinadas atividades desenvolvidas num determinado contexto social e cultural. Ou seja, para além das dificuldades individuais causadas pela sua própria deficiência, ainda enfrentam as dificuldades que a sociedade apresenta por não estar preparada para incluir esta população. A inclusão não é fácil e por vezes as barreiras são difíceis de ultrapassar e é necessário uma mudança de mentalidades Dias, (2011).

Segundo Pestana (1999), cit. por Coelho (2010), reportando-nos ao início da história da humanidade, as pessoas portadoras de deficiência nessas sociedades eram vistas como criaturas de Deus, pois falavam da vida e da morte, cantavam, contavam histórias e eram veneradas por isso. Como exemplos disso, temos Homero, Tiresias e Phineus. Porém, outras eram vistas como seres malignos, que eram possuídos pelo demónio e deveriam ser mortos. Durante o século XVIII e inícios do século XIX, as pessoas com deficiências eram encaradas como produto de delitos morais e, por isso, internados em hospícios e tratados como loucos. Durante a Revolução

Industrial, o aparecimento de pessoas que se tornaram célebres apesar de portadores de algum tipo de deficiência, como o cego Nicholas Anderson, professor de Matemática na Universidade de Cambridge e a cantora e pianista Maria Teresa Van Paradis, entre muitos outros, determinaram a alteração do conceito de deficiente.

Nos séculos XIX e XX, foram criados os princípios básicos de liberdade e direitos que, em 1959, com a criação da Declaração dos Direitos da Criança, a ONU elenca: a criança mental, fisicamente deficiente ou que sofra de alguma diminuição social, deve beneficiar de tratamento, da educação e dos cuidados especiais requeridos pela sua particular condição (...) e a ela deverá ser "ministrada uma educação que promova a sua cultura e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas aptidões mentais, o seu sentido de responsabilidade moral e social e tornar-se num membro útil à sociedade.", Nações Unidas (1959).

Em 1945, na formação da UNESCO, na Carta das Nações Unidas, os povos exprimiram a sua determinação em proclamar a sua fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos. Logo no artigo 1º da referida Declaração, afirma-se que todos os seres humanos nascem iguais e livres em dignidade e em direitos, todo o indivíduo que nasce tem direito à vida e à liberdade, e ainda é referido que todos são iguais perante a lei e direito a igual proteção (...), toda a pessoa tem o direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção contra o desemprego, e ainda refere que toda a pessoa tem direito à educação, pelo menos (...) o ensino elementar obrigatório. A frequência de outros graus de ensino (técnico e profissional) deve ser generalizada e o acesso a estudos superiores deverá ser aberto a todos de igual forma.

Sendo um direito de todos os cidadãos, a igualdade, e o direito à diferença do cidadão com necessidades especiais, ou seja, com deficiências, não pode ser relegada para o esquecimento, e para isso deverão ser proporcionadas ações que permitam um desenvolvimento completo e em harmonia na sua comunidade. Aos poucos, todas estas declarações têm vindo a alterar e a modificar algumas mentalidades e a repensar a educação especial, embora os avanços tenham sido e continuem a ser lentos, porque só agora chegamos a uma época onde se tenta disponibilizar ao cidadão portador de deficiência, as mesmas condições de realização e de aprendizagem sociocultural. Foi só na segunda metade do século XX que se iniciou um processo de normalização, com legislação adequada, e que visa "a possibilidade de o deficiente mental desenvolver um tipo de vida tão normal quanto seja possível". Este conceito, difundiu-se e, na

década de 70, as práticas anteriores (segregadoras) foram sendo substituídas por práticas e experiências integradoras.

Atualmente, estas práticas integradoras têm vindo a ser substituídas por práticas inclusivas. As práticas integradoras colocavam os alunos no mesmo contexto de outros alunos ditos normais e era-lhes dado apoio. A prática inclusiva é orientada para o aluno, fazendo com que ele seja visto como um todo, levando em conta 3 níveis de desenvolvimento (académico, socio emocional e pessoal), baseando-se, assim, nas suas características individuais Correia, (2010).

Sudario (2006) diz-nos que a inclusão social é um processo pelo qual a sociedade se transforma para poder incluir, nos seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais, ao mesmo tempo que estas se preparam para assumir os seus papéis na sociedade. Este processo é um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade procuram, em conjunto, diminuir problemas, decidindo sobre as soluções, para proporcionar oportunidades para todos, fazendo-o através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos (espaços internos e externos), equipamentos aparelhos e utensílios, (mobiliário e meios de transporte) e na mentalidade de todas as pessoas.

Para realmente acontecer uma verdadeira inclusão social, antes de tudo será necessário alterar a forma de pensar e agir, pois é necessário que haja respeito pelas diferenças e pelo tempo de aprendizagem de cada pessoa. A inclusão na educação é responsabilidade de toda a sociedade/comunidade, e não apenas do educador isoladamente, sempre com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dessas pessoas Ramos, (2011).

A Declaração de Salamanca diz que todos os países membros devem garantir que todas as crianças tenham o princípio da igualdade de oportunidades Nações Unidas, (1994).

Guerra & Quintela (2007: pág 2) afirmam que, por toda a Europa, surgem exemplos que mostram as “potencialidades da utilização de atividades culturais, artísticas e criativas na implementação de soluções inovadoras, com vista ao fomento da participação social, de novos formatos educativos/formativos, na valorização da componente lazer nas vivências quotidianas, no apoio social, etc.”

No conceito de qualidade de vida das populações, as atividades artísticas e a cultura, são manifestações que podem transformar a sociedade, relações e sentimentos. O trabalhar com a arte, mais concretamente com a música, pode ser um grande passo para a construção da

autoestima e, ao mesmo tempo, pode consciencializar os agentes envolvidos do poder da sua força transformadora.

Com isto, quando se fala em música e inclusão social, a ideia inicial é de que a música seja o elemento facilitador que permitirá uma melhor inclusão do indivíduo na sociedade.

O papel da música como eixo condutor em políticas de inclusão social tem ocupado um espaço de destaque nos projetos que buscam, primordialmente, o resgate da dignidade e o pleno exercício da cidadania de crianças, adolescentes e adultos que estejam excluídos do convívio social ou em situação de risco. Estudos específicos apontam o impacto no processo de recuperação da identidade e da autoestima dos envolvidos nos projetos de inclusão que utilizam a música como eixo condutor.

Ribeiro (2012) enaltece a música no seu papel social, pois a música na sua prática leva-nos a relações interpessoais, referindo ainda que pode ser um facilitador da integração social. Isto porque a música aproxima as pessoas e permite que estabeleçam relações de amizade, hierarquia, valores humanos e papéis sociais interdependentes. Estas mesmas relações interpessoais, sob o incentivo do professor/formador, levam os envolvidos com atividades musicais coletivas a tornarem-se mais conscientes do seu papel no respeito pelo outro e, assim, a música torna-se num potenciador de relações sociais, desenvolvendo a relação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com a comunidade sociocultural onde se insere.

A música, fazendo parte da cultura, consegue desenvolver “atividades valorizadas pelas próprias pessoas enquanto atores participantes numa comunidade” e assim ser um elemento de desenvolvimento humano e conseqüentemente, na inclusão social, Guerra & Quintela (2007: pág 2).

A música, sendo uma arte, pode ser utilizada na educação e ser mais do que uma mera disciplina, podendo constituir-se como o próprio meio de educar. A expressão livre, o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação que advêm de uma educação artística, permite aos alunos conseguirem ter inspiração, motivação da expressão dos seus sentimentos e estímulo da criatividade, sempre num ambiente lúdico, expressivo, criativo e livre. A educação tem um papel muito importante na formação da personalidade, pois permite um desenvolvimento equilibrado entre a individualização e a integração, Sousa (2003).

1.3. Bandas filarmónicas

As bandas filarmónicas não são o centro de todo este projeto, pois esse centro são os utentes da APPACDM, mas têm um papel de colaboração direta e fundamental. Toda a base musical foi executada pelos músicos oriundos das bandas do concelho.

Mas o que é uma banda filarmónica? Vamos começar pela origem do nome. Muito abreviadamente, Carvalho (2009) fala-nos que a palavra tem origem em dois vocábulos: “philos”, que quer dizer, “amigo”, e “harmonikos”, harmonia. Não variando muito de língua para língua, as definições vão-se repetindo e chega mesmo a ser definição da palavra a expressão Sociedades de Amadores de Música. No passado, inspiradas nos ideais liberais, as Filarmónicas constituíram-se como veículos privilegiados para elevar os níveis culturais e de instrução das populações, muitas vezes em grande parte analfabetas, democratizando a arte. Assim, assumiam a “nobre missão que os ditadores, os demagogos e os inquisidores nunca gostaram, nem gostam! Quanto mais o povo for ignorante, mais facilmente ele é manipulado” (Carvalho, (2009): pág 3). Nos tempos de hoje, as Filarmónicas são, cada vez mais, meios de dinamização cultural, com funções socioeconómicas de grande importância que urge saber aproveitar e incentivar.

As bandas no concelho de Albergaria-a-Velha surgiram logo a seguir aos ideais liberais aparecerem, pois a fundação da Banda Velha da União Sanjoanense data de 1826. A banda mais recente constituiu-se em 1987. No concelho, as bandas em funcionamento na atualidade são cinco, embora haja conhecimento que pelo menos uma outra surgiu no século passado, mas que entretanto já se extinguiu.

Os participantes neste projeto pertencem todos às referidas bandas, e todos participaram de forma voluntária em todo o processo do projeto educativo.

CAPÍTULO II – O Projeto Educativo

2.1. Organização do evento

04 JUNHO | QUARTA-FEIRA | 21H30
SAC | CTAAlba – Sala Principal

SAC

PONTES SONORAS

Gratuito (sujeito a levantamento de ingresso e à lotação da sala) | 50 min. | M/ 3

No âmbito do programa *Incluir + Música* da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha e da parceria desenvolvida nesta área com a APPACDM de Albergaria-a-Velha, surge **Pontes Sonoras**, um espetáculo onde o mais importante é o resultado do trabalho elaborado com os diversos intervenientes e os laços que ficam das sinergias criadas. Pretende-se levar o público através de uma viagem por Portugal onde as canções populares conhecidas de todos nós serão o mote. Os timoneiros desta viagem serão os utentes da APPACDM de Albergaria-a-Velha e os jovens músicos provenientes das cinco bandas do concelho.

produção e organização **Cineteatro Alba | Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha**
instituições participantes:
APPACDM – Albergaria-a-Velha
ARMAB - Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca
Associação de Instrução e Recreio Angejense
Banda Filarmónica do Grupo Desportivo e Cultural de Ribeira de Fráguas
Banda Recreativa União Pinheirense
Banda Velha União Sanjoanense

fotografia **Bruno Moreira**



Ilustração 1 - Página da Agenda Municipal referente ao espetáculo "Pontes Sonoras"

2.1.1. Da ideia à concretização – construção do espetáculo

O trabalho com uma comunidade muito particular como a dos utentes da APPACDM é, logo à partida, um desafio. Conseguir mobilizar pessoas com características tão diversas para a construção deste projeto é um propósito algo arrojado, pelo que a sua construção é uma partilha de ideias, com algumas linhas orientadoras que, quando conduzidas numa determinada forma, nos levam ao projeto final.

Como o projeto educativo é um pouco diferente do habitual, visto que os utentes da APPACDM são pessoas que até já não se encontram em contexto ou em idade escolar, os parâmetros normais do ensino são diferentes. Mas na vida aprendemos algo todos os dias e este projeto insere-se nessa ótica de aprendizagem ao longo da vida e não no currículo académico normal.

O objetivo deste projeto é a inclusão dos utentes num projeto que lhes dê prazer e alegria enquanto, paralelamente, vão absorvendo alguns conhecimentos, através das vivências. Em relação aos músicos participantes, pretende-se quebrar barreiras e preconceitos em relação a esta população. No mundo em que vivemos, o contato com este tipo de indivíduos é quase sempre reduzido, pois, normalmente, estão algo isolados fisicamente do resto da comunidade, o que nos leva a criar dificuldades na interação com eles.

Tendo como ideia base a inclusão de todos os elementos, estes não deveriam ser reconhecidos como utentes ou como músicos. A proximidade de todos era importante para o espetáculo, pois no caso dos músicos já é habitual subirem a um palco, mas os utentes não têm esse hábito. Provavelmente, para alguns utentes não lhes trará nenhum incómodo o subir ao palco, mas nem todos reagem da mesma forma e as próprias auxiliares não estão familiarizadas com o estar em palco. Se a proximidade entre todos for maior, será mais fácil esta experiência, pois sentem-se mais protegidos e ambientados.

Pensando pelo lado positivo e não nos cingindo às limitações dos utentes, seguimos a estratégia de aproveitar os seus conhecimentos, utilizando-os em prol de todo o processo. Avaliando o reportório de canções que me foram mostrando, surgiu a ideia de fazer uma viagem por Portugal através das canções de cada região, tentando criar uma pequena história de uma viagem pelo país.

Na tabela seguinte, e por ordem de apresentação no espetáculo, segue a canção correspondente a cada região de Portugal.

BEIRA LITORAL	Não vás ao mar Toino
DOURO LITORAL	Olhó Balão
MINHO	Vira do Minho
BEIRA ALTA	Oliveira da Serra
BEIRA BAIXA	Milho verde
ALENTEJO	Eu ouvi o passarinho
ALGARVE	Tia Anica
RIBATEJO	Papagaio louro
MADEIRA	Bailinho da Madeira
AÇORES	Ao passar a ribeirinha
ESTREMADURA	Malhão malhão

Tabela 1 - lista de músicas e respetivas regiões

Após ter reunido as condições anteriores, foi então necessário criar o Roteiro do concerto, e dar-lhe significado. Um espetáculo em que os utentes teriam de cantar e tocar e os elementos das bandas teriam de executar as músicas, não seria um espetáculo onde se veria a inclusão e a interação como gostava que fosse, pois existiria sempre um distanciamento entre os utentes e músicos. Sendo assim, foi necessário criar envolvimento entre todos os elementos, iniciando o processo de ensaios gerais, com jogos de interação entre todos, para que, assim, se criassem laços de amizade e confiança de parte a parte, tornando todo o processo de inclusão mais fácil. Assim, as canções utilizadas têm arranjos diversificados e variados, que permitem aos músicos colocarem-se no local certo para tocar e, quando não o estão a fazer, juntarem-se ao resto dos participantes. Ou seja, não é suposto a banda estar sempre no seu local para tocar, mas sim, também, poder misturar-se com o grupo de utentes e interagir com eles a cantar ou no movimento que se pretendeu impor durante o espetáculo.

As partituras criadas para o espetáculo, são alvo de análise mais detalhada no ponto 2.1.4.

Nas transições de canções foram criados diálogos orientadores, em que músicos e utentes comunicam. Esses diálogos não eram estanques e, por isso, cada um dos intervenientes usava-os da forma que lhes assentava melhor. Esses diálogos encontram-se no Anexo Diálogos.

Todos os participantes foram vestidos com uma t-shirt branca e com calça de ganga azul, podendo variar a tonalidade desta. Assim, o grupo ficou com uma imagem muito homogénea em palco, não sendo fácil distinguir os músicos e os utentes, tal como era pretendido e sugerido pela ideia da inclusão.

A imagem do evento, que foi necessária para a divulgação na Agenda Municipal, foi executada em Março, atendendo à produção e distribuição da agenda. Esta imagem teve por objetivo tentar conciliar todas as influências do projeto. Para além da imagem, foi também idealizada a sinopse, que serviu, desde esse momento, como base para divulgação na agenda e outros meios de comunicação social.

Na semana anterior ao espetáculo, foi produzida a folha de sala, com a sinopse, imagem e o nome de todos os elementos, bem como as associações envolvidas. O nome dos participantes foi colocado por ordem alfabética e sem distinção de que associação eram originários. Além disso, foi colocado o nome de todos os intervenientes no espetáculo dentro do Cineteatro Alba. E, para finalizar, foi inserida a letra que a instituição criou para a música "Olhó Balão". A folha de sala está em anexo.

Qualquer espetáculo envolve licenças e, no caso, não foi exceção. Todas as licenças foram tratadas pelos serviços municipais, sendo elas as de Representação (IGAC) e as dos direitos autorais (SPA).

Toda a produção esteve a meu cargo e contei com a ajuda dos técnicos do Cineteatro Alba, que trabalharam de forma, a que eu pudesse assumir o meu papel em palco. Os adereços cénicos foram pensados de uma forma simples para que não retirassem a visibilidade do grupo que se apresentava em palco, pois eram eles a razão do espetáculo.

Para assinalar o espetáculo, no final, foi distribuído a todos os participantes um certificado de participação, e às associações envolvidas um certificado emoldurado, para assinalar a participação das mesmas neste espetáculo.

“Pontes Sonoras” é o nome do espetáculo, resumindo a pretensão que se estabeleçam pontes/ligações entre diferentes pessoas/comunidades. “Roteiro de Portugal” é o subtítulo do mesmo espetáculo e remete-nos para a sua temática.

De seguida, no ponto 2.1.2., é apresentado o que foi realizado com cada uma das canções e o que se tentou que os participantes vivenciassem. A banda é constituída por músicos das diferentes bandas do concelho, que na sua maioria não têm uma formação muito avançada na música, muitos deles fruto da escola de música da própria banda. São músicos jovens, amadores, que nutrem um gosto especial pela música. Mais adiante, no ponto 2.1.5., encontra-se o guião para a Produção/Direção de Cena, que nos permite perceber em que circunstância os áudios eram lançados e a movimentação de algum cenário e da iluminação.

Para posterior visualização, o evento foi gravado em vídeo pelo canal de TV da Escola Secundária de Albergaria-a-Velha e fotografado pelos serviços de comunicação municipais. Além disso, foi posteriormente realizada uma reportagem deste mesmo canal e colocada on-line. Esta reportagem está incluída em anexo.

2.1.2. Planeamento do “ Pontes Sonoras”

Até à data, a Câmara Municipal disponibilizava aulas de música para as crianças na idade pré-escolar que frequentem as escolas ou instituições com essa oferta educativa. Para além destas, também disponibilizava música para a Idade Maior através das IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social do concelho. A APPACDM de Albergaria-a-Velha, embora sendo uma IPSS, não era abrangida por esta oferta da Câmara Municipal, pois não se enquadrava em nenhuma das anteriores, já que o seu público é diferente dos anteriores. Assim, este projeto fez com que a Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha criasse um programa específico para esta população, denominado “Incluir +”. Este programa foi desenhado para abranger não só a área da música, mas também a área da atividade física, o “Incluir + | Música e o Incluir + | Atividade Física”.

Com a apresentação deste projeto, iniciaram-se as sessões de música, uma vez por semana, com a duração de 50 minutos, com o intuito de trabalhar com estes utentes e mostrar o trabalho final à comunidade, realizando um espetáculo final, a que chamei “Pontes Sonoras”.

2.1.2.1. Objetivos a atingir

Este projeto, ao nível da formação, baseou-se na reutilização de saberes anteriormente adquiridos pelos participantes. Com esta reutilização, pretendeu-se potenciá-los de uma forma diferente do habitual, enriquecendo-os na medida do possível com novas formas de abordar essa matéria existente.

Todas as canções utilizadas para o projeto, com a exceção de uma, eram do conhecimento geral de todos eles. Ou seja, aproveitou-se o saber existente, revestindo-o de outras formas e de novas vivências.

Ao trabalhar com este grupo, logo verifiquei que as variantes eram imensas, e sempre instáveis; assim, o objetivo era cativar e mobilizar ao máximo, para que nos dessem tudo o que pudessem dar, dentro das suas possibilidades, quer físicas, quer mentais.

Desta forma, são ainda objetivos deste projeto:

- proporcionar momentos de convívio aos utentes da APPACDM de Albergaria-a-Velha, sustentados na participação nos diversos ensaios e espetáculo final, permitindo que convivam entre eles e com a população sem necessidades especiais;

- proporcionar à comunidade da APPACDM de Albergaria-a-Velha momentos de sã convivência e de troca de experiências num ambiente de confraternização;
- contribuir para uma melhor inclusão dos utentes da APPACDM, de Albergaria-a-Velha, na comunidade.

2.1.2.2. Público-alvo e parceiros

Este projeto foi idealizado para o público em geral.

Os parceiros deste evento foram, em primeiro lugar, a Camara Municipal de Albergaria-a-Velha e a APPACDM de Albergaria-a-Velha e, depois, as bandas do concelho, que são cinco, no total:

- AIRA – Associação de Instrução e Recreio Angejense
- ARMAB – Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca
- Banda Filarmónica do Grupo Desportivo e Cultural de Ribeira de Fráguas
- Banda Recreativa União Pinheirense
- Banda Velha União Sanjoanense

2.1.2.3. Recursos necessários (humanos e materiais)

Os participantes deste projeto estão divididos em 3 grupos diferentes: utentes, auxiliares e músicos, mas, para além destes, existem outras pessoas envolvidas e que não são visíveis no espetáculo. Todas as pessoas envolvidas no espetáculo têm o nome na folha de sala, que está em anexo.

2.1.2.4. Participantes

2.1.2.4.1. Utesntes

Como referido, este projeto aparece no âmbito do Projeto Municipal “Incluir + | Música”. Assim os utentes da APPACDM, de Albergaria-a-Velha, constituem cerca de metade dos participantes ativos deste projeto.

Eles são a razão de existir deste projeto. Todas as ações desenvolvidas foram focadas e pensadas tendo por base estes utentes.

Não menosprezando os outros participantes, que são muito importantes para o projeto, os utentes são sempre o “eixo” de todo o processo.

Este projeto tenta, assim, colmatar uma falha de oferta de formação nesta área a esta população.

Sendo os utentes da APPACDM pessoas com características diferentes do resto da população e tendo cada um a sua especificidade, o trabalho com eles é, logo à partida, um desafio.

O grupo que frequentava as sessões era de 18 utentes, sempre acompanhados por 2 auxiliares. As deficiências eram várias e passavam por atrasos cognitivos e, em alguns casos, também por deficiências a nível motor.

2.1.2.4.2.Auxiliares

A função das auxiliares foi de acompanhar os utentes, pois muitos deles não têm autonomia necessária. Com esse auxílio, possibilitaram que as sessões/ensaios decorressem da melhor forma, porque elas conhecem-nos melhor que ninguém. As auxiliares da instituição foram incansáveis em todo o processo. Também para elas, tudo era uma novidade. Acompanharam os utentes sempre com o maior empenho e profissionalismo, o que permitiu que estes participassem de uma forma muito mais intensa e permitiu, também, que elas integrassem o espetáculo, o que para elas foi uma experiência única, pois foi a primeira vez que pisariam um palco.

2.1.2.4.3.Músicos

Os músicos que participaram neste projeto são oriundos das 5 bandas filarmónicas do concelho. Além do envio de um email com a apresentação do projeto e de um contato telefónico, foram realizadas pequenas reuniões com um responsável de cada banda. Nessas breves reuniões, foram explicados os objetivos do projeto e o perfil dos músicos pretendidos. Após reunião com todas as bandas, alguns músicos voluntariaram-se tendo sido selecionados os que reuniam as características pretendidas e que se encaixavam nas necessidades da constituição da banda.

A idade dos músicos era bastante heterogénea, o que ajudou o grupo a tornar-se ainda mais dinâmico, pois a irreverência da juventude e a experiência dos mais velhos, enriqueceu e deu versatilidade à banda constituída.

O facto de eu não conhecer pessoalmente todos os músicos que se voluntariaram, isto é, as suas capacidades musicais e aptidões de se relacionarem com a população em causa, tornavam o resultado final uma enorme incógnita.



Ilustração 2 - Foto geral de todo o grupo em palco, nos momentos finais do espetáculo

2.1.2.5. Custos do projeto

Os custos deste projeto foram diluídos em diversos serviços da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha.

- custos do professor nas sessões na instituição estão diluídos na educação;
- custos com a divulgação estão diluídos na programação/divulgação do município;
- custos com a realização do espetáculo, licenças, custos fixos do edifício, pessoal de apoio, pessoal técnico, estão diluídos nos custos do Cineteatro Alba;
- custos diretos foram a compra de molduras para colocar certificados de participação para as entidades participantes;
- custos com deslocações e alimentação de participantes foram todos suportados pelos próprios.

2.1.2.6. Data do evento e local de realização do evento

O evento realizou-se no Cineteatro Alba, na Sala Principal, no dia 4 de Junho de 2014, pelas 21h30. A entrada era livre, com obrigatoriedade de levantamento de bilhete no próprio dia.



Ilustração 3 - Vista para o palco do final da 1ª plateia



Ilustração 4 - Vista para o palco do Balcão

2.1.2.7. Calendarização

A calendarização do trabalho com os músicos foi feita de forma muito concisa, pois conseguir agendar ensaios sem interferir nas agendas das associações a que pertencem os músicos, é uma tarefa muito complicada. As associações participantes foram as de 5 bandas do concelho, cada uma cedendo 4 músicos, realizando uma *mini* banda com 20 elementos.

Logo no final do primeiro ensaio, ficou acordado que se iria utilizar a rede social facebook, criando um grupo restrito aos elementos da banda, para uma comunicação rápida. Esta plataforma permitiu também partilhar partituras, documentos com as letras, notícias acerca do evento e alterações a ensaios.

Surgiram algumas alterações à calendarização inicial, pois com o decorrer das sessões, e tentando perceber as disponibilidades de todos os elementos, fomos adaptando o cronograma de trabalho, sempre que eu sentia que se corria o risco das sessões não terem resultado prático – porque, quando o resultado de um ensaio não é positivo, pode começar a desmotivar quem está a participar e estragar o que até então já estava construído.

Ao comunicar a calendarização, explicou-se o modo de funcionamento para acesso ao Cineteatro Alba, pois há zonas no edifício que não são de acesso público, pelo que existem normas de funcionamento que é necessário ter em conta.

2.1.3. Preparação do evento

Inicialmente as sessões foram ministradas na própria instituição. O grupo de utentes participantes nas sessões que, por sua vez, seriam os que iriam participar no espetáculo, foi definido pela instituição (APPACDM-Albergaria-a-Velha), com base no conhecimento destes acerca dos utentes. Existia um núcleo de utentes que estava sempre presente e, depois, outros utentes juntaram-se com o decorrer das sessões e conforme as vontades e motivações de cada um.

Todas as sessões seguiram o mesmo protocolo de início, para uma questão de rotina de aula que, depois, se desenvolve conforme o planeado e o possível, pois, nestas sessões, existe sempre um elevado risco de alteração do planeado em virtude de algum utente, ou alguns, não estarem predispostos a participar.

Estas sessões estavam sempre agendadas para o início da tarde de quinta-feira, embora, por vezes, tenham sido alteradas com o intuito de melhor se enquadrarem com alguma outra atividade minha ou da instituição.

As sessões iniciaram-se sempre com a audição de uma música para relaxamento e concentração, fazendo alguns movimentos coordenados por mim e de acordo com a música ouvida. Este exercício teve sempre um papel muito importante, pois a excitação do início da aula era refreada ao ouvir e fazer estes exercícios.

2.1.3.1. Resumo das sessões com o grupo de utentes

1ª sessão - 16 Janeiro 2014

Apresentação dos Utentes e do Professor.

Explicação da disciplina, do funcionamento das aulas e do trabalho a desenvolver.

Audição de uma música em simultâneo com a realização de um exercício de relaxamento e facilitador de relações entre os utentes e o professor.

Avaliação inicial dos conhecimentos dos alunos: exercício de coordenação motora e perceção de grupo.

2ª sessão - 23 Janeiro 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização de exercícios de relaxamento e concentração.

Continuação da avaliação dos conhecimentos e capacidades dos alunos.

Exercício de coordenação motora e perceção de grupo.

Exercícios, ao som de música, em que os utentes tinham de circular pelo espaço e perceber o que acontecia com a música, agindo segundo os sons.

3ª sessão - 30 Janeiro 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Continuação dos exercícios da aula anterior.

Continuação da avaliação dos conhecimentos e capacidades dos alunos: canto de músicas tradicionalmente conhecidas.

4ª sessão - 06 Fevereiro 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Exercício rítmico, em grupo, para desenvolver a atenção e a noção de tempo.

Início da preparação do espetáculo, com a apresentação e explicação do pretendido aos utentes e auxiliares. Início dos trabalhos com a música "Oliveira da Serra".

5ª sessão - 13 Fevereiro 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Exercício rítmico, em grupo, para desenvolver a atenção e a noção de tempo.

Continuação da preparação do espetáculo com introdução da música "Vira do Minho".

Exercício para desenvolver a atenção, ao som da flauta transversal, onde os alunos tinham que circular no espaço e quando a música parava eles tinham que parar também, onde estavam. A música ia variando no andamento, na métrica ou na melodia.

6ª sessão - 20 Fevereiro 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Exercício rítmico, em grupo, para desenvolver a atenção e a noção de tempo. Introdução de exercícios rítmicos de repetição, sempre numa base de 4 tempos.

Continuação da preparação do espetáculo com introdução da música "Milho Verde".

7ª sessão - 27 Fevereiro 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Exercício rítmico, em grupo, para desenvolver a atenção e a noção de tempo, exercícios rítmicos de repetição, numa base de 4 tempos.

Continuação da preparação do espetáculo trabalhando todas as músicas abordadas até à data.

8ª sessão - 06 Março 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Exercício rítmico, em grupo, para desenvolver a atenção e a noção de tempo, exercícios rítmicos de repetição, numa base de 4 tempos.

Continuação da preparação do espetáculo com introdução da música "Eu ouvi o passarinho".

9ª sessão - 13 Março 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Exercício rítmico, em grupo, para desenvolver a atenção e a noção de tempo, exercícios rítmicos de repetição, numa base de 4 tempos.

Continuação da preparação do espetáculo com introdução da música "Papagaio Loiro".

10ª sessão - 20 Março 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Exercício rítmico, em grupo, para desenvolver a atenção e a noção de tempo, exercícios rítmicos de repetição, numa base de 4 tempos.

Continuação da preparação do espetáculo com introdução da música "Tia Anica de Loulé".

11ª sessão - 27 Março 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Continuação da preparação do espetáculo trabalhando todas as músicas abordadas até à data.

12ª sessão - 03 Abril 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Preparação de duas canções para apresentar ao Executivo da Câmara Municipal, que iria assinar o protocolo de colaboração no âmbito do projeto "Incluir +".



Ilustração 5 - Sessão na instituição no dia da assinatura do protocolo

13ª sessão - 10 Abril 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Exercício rítmico, em grupo, para desenvolver a atenção e a noção de tempo, exercícios rítmicos de repetição, numa base de 4 tempos.

Continuação da preparação do espetáculo com introdução da música "Ao passar a Ribeirinha".

14ª sessão - 30 Abril 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Exercício rítmico, em grupo, para desenvolver a atenção e a noção de tempo, exercícios rítmicos de repetição, numa base de 4 tempos.

Continuação da preparação do espetáculo com introdução da música "Bailinho da Madeira".

Breve explicação e audição acerca da forma transição das músicas.

15ª sessão - 08 Maio 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Exercício rítmico, em grupo, para desenvolver a atenção e a noção de tempo, exercícios rítmicos de repetição, numa base de 4 tempos.

Continuação da preparação do espetáculo com introdução da música "Olhó Balão", com a letra criada pela instituição.

16ª sessão - 15 Maio 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Continuação da preparação do espetáculo com introdução das músicas "Malhão Malhão" e "Não vás ao Mar Toino".

17ª sessão - 22 Maio 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Continuação da preparação do espetáculo trabalhando todas as músicas abordadas, feita com o áudio do arranjo das músicas.

18ª sessão - 29 Maio 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Continuação da preparação do espetáculo trabalhando todas as músicas abordadas, feita com o áudio do arranjo das músicas.

19ª sessão - 04 Junho 2014

Audição de uma música em simultâneo com a realização exercícios de relaxamento e concentração.

Diálogo acerca de todo o espetáculo e reforço dos pontos mais importantes.

2.1.3.2. Sessões de ensaios em conjunto

Estas sessões foram o culminar do trabalho que foi desenvolvido nas sessões na instituição. Aqui realizaram-se dinâmicas de trabalho já testadas nessas sessões. A estrutura destas sessões tentou ser sempre semelhante às sessões na instituição, para que não se alterasse muito o *modus operandis* e pudesse ser um fator de perturbação dos utentes.

Nestas sessões foram avaliadas e testadas as possibilidades de apresentação, se estas estariam a resultar e se seriam possíveis de realizar, pois nem sempre o idealizado é de fácil execução.



Ilustração 6 - Primeiro ensaio de conjunto no palco

1ª sessão - 05 de Abril (sábado)

Esta sessão serviu para se trabalhar a proximidade entre os elementos da banda. Foi um ensaio apenas com os músicos, pois a proveniência era de 5 bandas do concelho.

Através de exercícios de desinibição e contacto entre os participantes, criou-se uma boa dinâmica entre todos os intervenientes.

Todos os elementos, receberam um dossier com a explicação do espetáculo e a calendarização dos ensaios.

2ª sessão - 15 de Abril (terça-feira)

Primeiro ensaio com utentes e músicos e primeiro contato com o palco. Foi uma sessão virada para a quebra de barreiras entre todos os elementos, para posterior construção de toda a dinâmica do espetáculo, que se quer em movimento e interação constante. Foi um ensaio intenso para todos, pois esta proximidade foi a primeira experiência para muitos – e logo num palco!

3ª sessão - 17 de Abril (quinta-feira)

Após a primeira sessão, começou-se verdadeiramente a trabalhar musicalmente e cenicamente o espetáculo. Ainda com os arranjos em fase de experimentação, com o objetivo de ver se resultava musical e cenicamente, pois pretende-se que haja movimento e não seja um espetáculo estático. Conseguiu-se ensaiar cerca de metade das músicas do espetáculo.

4ª sessão - 11 de Maio (domingo)

Este ensaio foi realizado no palco. Foi um ensaio em que se colocaram muitas canções bem adiantadas, mas o principal foi a inclusão de um novo utente, que durante as sessões costumava assistir, mas não reagia a nada e, nesse dia, estava na plateia a assistir ao ensaio e com uma canção começou a dançar irradiando felicidade. Até essa altura, nunca tinha esboçado um sorriso, mas, nesse dia, conseguimos trazê-la para o meio do grupo e, desde então, participou em tudo até ao final do espetáculo.

5ª sessão - 24 de Maio (sábado)

Ensaio geral com uma surpresa para todos os elementos. Durante o ensaio, em que se trabalhou bastante a movimentação e o canto das músicas *à capella*, tivemos a visita de uma artista conhecida por todos, Sara Tavares. A oportunidade surgiu, pois o nosso ensaio geral coincidiu no dia do concerto da Sara Tavares no Cineteatro Alba. A produção, tanto do cineteatro, como da artista, decidiu fazer esta surpresa, proporcionando este momento ao nosso grupo, que ensaiava. Numa pausa, Sara Tavares conversou com o grupo, felicitou todos e acedeu ao pedido de uma foto. Tanto para os músicos, como para alguns dos utentes, ter o contato com uma artista conhecida, foi uma sensação nova que todos muito apreciaram, tendo, inclusivé, um utente conseguido o tradicional autógrafo da artista.



Ilustração 7 - Visita da artista Sara Tavares ao ensaio de conjunto



Ilustração 8 - Foto do grupo com a artista Sara Tavares

Esporadicamente, este ensaio teve de ser realizado na Sala Estúdio, o que em nada ajudou, pois era um espaço diferente do habitual, mas devido à ocupação do outro espaço, foi a solução encontrada para realizar o ensaio.

Nessa altura, entregaram-se cartazes para divulgação do espetáculo aos elementos da banda e à APPACDM. O cartaz também foi disponibilizado via digital, para divulgação pela internet (emails, redes sociais).

6ª sessão - 31 de Maio (sábado)

Ensaio na Sala Estúdio, em que se trabalharam todas as canções, faltando agora limar todas as passagens. Serviu para que os músicos se apercebessem da globalidade do espetáculo e tirarem os seus apontamentos sobre o que teriam de fazer quando não estão a tocar. Existem movimentos em palco que irão participar. Alguns músicos terão “falas” para o espetáculo e terão de as fazer com algum utente e é necessário criar alguma proximidade para que tudo flua da melhor forma.



Ilustração 9 - Ensaio de conjunto na Sala Estúdio

7ª sessão - 02 de junho (segunda-feira)

Ensaio corrido com o máximo de pormenores, como luz e sonoplastia, para que fosse o mais parecido com o espetáculo final. Neste ensaio, apesar de não estar toda a banda, deu para perceber que poderia ser possível tocar os arranjos musicais na sua totalidade, pois até este ensaio faltaram sempre alguns elementos, o que dificultou a perceção de se seria possível executar todos os arranjos.

Também serviu para a equipa de produção perceber o espetáculo no palco e preparar toda a logística necessária para que fosse possível realizar-se o espetáculo.

Dia do espetáculo

O espetáculo estava agendado para o dia 04 de Junho, às 21h30. Foi solicitado aos participantes que chegassem às 20h00, para testarmos pormenores e estarmos um pouco juntos, relaxando. Foi feito um breve teste/ensaio, só para ultimar pormenores e, de seguida, fizemos uma pausa. Como já estava na hora e a cortina estaria fechada, optamos por manter os utentes no palco sentados e os músicos saíam do palco. Por experiência, os músicos não conseguiriam manter o silêncio, pois, ao fecharmos as cortinas, a plateia iria abrir para entrada de público e não poderia existir ruído no palco. Os utentes foram irrepreensíveis e mantiveram o silêncio sem que ninguém notasse que estavam por trás das cortinas. O tempo de espera foi um pouco longo, pois a entrada do público foi morosa. Quando ficou tudo pronto para iniciar o espetáculo, o grupo reuniu-se no palco e a apresentação final do “Pontes Sonoras” começou.

2.1.4. Partituras

As partituras foram criadas propositadamente para servir o projeto.

Foi nesta fase que pude colocar em prática os conhecimentos sobre composição, adquiridos na Licenciatura em Música. Os arranjos realizados por mim, permitiu-me adequá-los tanto ao espetáculo, como aos músicos. Foi possível criar *tuttis* ou pequenos *ensembles*, de forma que o espetáculo fosse variando de ambiente. Estas mudanças de ambiente, permitiam aos músicos saírem do local onde tocavam, e juntarem-se ao resto, sempre com o intuito da inclusão.

Como a criação das partituras era da minha autoria, isso permitiu que, com relativa facilidade, elas pudessem ser alteradas/melhoradas até à versão final, para que melhor se adaptassem ao grupo de utentes. Nas sessões na instituição, para podermos ter uma base instrumental aos ensaios, como ainda não tinha sido possível fazer uma gravação das músicas, foram criados através do editor de partituras e o seu banco de sons ficheiros midi.

Como não existiam gravações, e os arranjos iam sendo melhorados, a única forma de ouvir os arranjos e estes servirem de base musical, seria pensar a banda da forma mais reduzida possível, tentando que existisse, pelo menos, um instrumento de cada, por naípe habitual numa banda filarmónica. O número de músicos idealizado foi de 20, pois seria esse, mais ou menos, também, o número de utentes participantes. Além disso, tínhamos um palco que se poderia tornar pequeno, caso estivessem mais de 40 pessoas em movimento.

Na escolha dos elementos da banda, deu-se (dei) uma maior importância às suas características pessoais do que às suas capacidades de executantes. Sendo assim, não tinha, à partida, uma noção real das capacidades de toda a banda e, por isso, adequiei os arranjos das músicas aos próprios participantes.

Quanto à contemporaneidade dos arranjos, ela foi mínima, pois o trabalho esteve sempre voltado para a inclusão e não para exercícios de exuberância técnica. Existe apenas um momento em que a contemporaneidade foi assumida e que foi de alguma forma difícil de executar, por razões já referidas anteriormente.

A partitura geral está em anexo e também estará no CD anexo, em formato digital.

2.1.5. Guião do espetáculo

Guião Pontes Sonoras – Roteiro de Portugal

Canção	Elementos	Entrada	Final	Intervenções	Música	Ação	Projeção	Região	Observações
					Audio 01 - afinação	Abertura do pano. Todos os elementos já estarão no palco. Circulação pelo palco. Cumprimentos entre todos	Projetar o céu estrelado	:	
Não vás ao Mar, Toino	Cristina	Canta a Cristina		<p>No final da canção:</p> <p>Músico: - Olá Paulo! Conhecias esta canção?</p> <p>Paulo: - Olá! Sim, conhecia.</p> <p>Músico: - Esta canção é da nossa região. Vamos fazer uma viagem através de canções?</p> <p>Paulo: - Sim.</p> <p>Músico: - Vamos então. Olha já estou a ouvir o comboio. Vamos de comboio?</p> <p>Paulo: - Sim.</p>	No final do diálogo dispara o Audio 2 - Comboio	Enquanto decorre os utentes fazem fitas ondular. no final são deixadas no proscénio		Beira Litoral	

Olhó Balão				<p>No final da canção:</p> <p>Músico: - Esta canção ficou muito linda com esta letra.</p> <p>Músico: - Pois ficou. E são mesmos especiais. Vamos agora até aos verdes do Minho.</p>		<p>Entra alguém com 2 balões de S.João.</p> <p>durante a música são amarrados e depois içados lentamente</p>		Douro Litoral	
Vira do Minho					<p>Final Audio 03 - carro</p>	<p>Formam a roda para posterior dança. Começam a cantar á segunda vez.</p> <p>Dançar em roda e a cantar. Na 2ª estrofe só cantam 6 pessoas que saem da roda. Cadeiras de rodas ficam junto à Banda</p>		Minho	
Oliveira da Serra					<p>Começam a entoar e os instrumentos também a célula correspondente ao "O i ó ai", até iniciar a banda com os restantes a a cantar.</p>	<p>Inicio circulam pelo espaço.</p> <p>Roda em volta das cadeiras e dificuldade em mobilidade.</p> <p>José Ramos fica ao centro na frente para cantar "O i ó ai".</p>		Beira Alta	

Milho verde		entram adufes por músicos e utentes com ostinato da canção e vão fazendo pequenas alusões ao tema com instrumentos e vozes		<p>no final da canção:</p> <p>Músico: - Então Pedro, e agora o que vamos cantar?</p> <p>Pedro: - "Pissarinho".</p> <p>Músico: - E a que horas?</p> <p>Pedro: Às 4 da madrugada</p>	<p>Interpretação por alguns elementos da canção, até que se juntam todos com banda.</p> <p>A meio da canção saem dois músicos para entrarem na plateia.</p>	Todos virados para o público		Beira Baixa	
Eu ouvi o passarinho				<p>A cada paragem, um músico sugere a audição da canção noutra forma e depois interpretam os músicos e o resto canta.</p>	<p>Usar o vaso do passarinho no início e no final.</p> <p>Sempre que há a forma original, utentes e músicos batem palmas.</p>	<p>início entram no público 2 músicos com tubos, enquanto os utentes se sentam nos lugares.</p> <p>Depois do diálogo entra a banda em tutti e para antes de cada modo diferente que se vai tocar. Antes de cada modo, o instrumento que tem a melodia executa-a nesse modo, e só depois entra a banda com tutti seguido da forma original.</p>	Ter o relógio do musical ou projetado em palco com a hora.	Alentejo	

Tia Anica				Músico: - E agora vamos de férias para o Algarve? Paulo: - Sim Músico: - E vamos como?	Usar o ocean drum	<i>Utente traz um barco de papel, e coloca em cima das fitas no proxénio</i>		Algarve	
Papagai o Loiro				Músico: - E agora como vamos seguir viagem? Paulo: - Não sei	fazer um "rap" com a letra da canção, até que a banda comece e depois se cante a canção	Entra o António com uma bicicleta e buzina		Ribatejo	
Bailinho da Madeira					Áudio 04 - Navio Após a interpretação da melodia (refrão) e com a banda, começa em canon a interpretação da mesma melodia por dois grupos.	Fazem dois grupos em frente do palco e diluem para se irem calando aos poucos		Madeira	
Ao passar a Ribeirinha					O início e o final da canção é feito por um ostinato melódico/rítmico de 4 utentes com frases das primeiras 2 estrofes. Acompanhamento rítmico da banda. A canção interpretada 2 vezes a estrofe com banda. final Audio 05 - Avião	4 utentes na frente do palco enquanto os outros circulam atrás		Açores	

Malhão Malhão					<p>Criar uma base sonora para posterior improvisação da harmónica e poderá haver mais alguma improvisação</p> <p>Final toca na harmónica o Apita o Comboio e no final dispara Audio 02 - comboio</p>	Alguns elementos terem bombos para fazer uma fanfarra e puxar pelo público		Estremadura	
Não vás ao Mar Toino					Repetição do inicio	Todos se chegam à frente deixando a música terminar sozinha		Beira Litoral	
FINAL						Caso Haja encore, fazemos com o Olha APP			

Tabela 2- Guião Pontes Sonoras – Roteiro de Portugal

2.2. Descritivo do espetáculo

O roteiro foi idealizado como uma viagem por Portugal, que inicia e termina no mesmo local, a nossa região. A viagem começou na nossa região, subiu até ao norte e depois desceu para sul, pelo interior. No regresso, passou pelas ilhas e chegou então, de novo, à nossa região. Os áudios e os diálogos foram fazendo as ligações de uma região para outra. A primeira música foi "Não vás ao Mar, Toino", associada à nossa região. As restantes músicas e respetiva região estão listadas na tabela 1.

O espetáculo teria que começar com os participantes em palco, pois a dificuldade de mobilidade de alguns utentes iria dificultar o acesso ao palco e poderia atrasar o início do espetáculo.

A disposição em palco nunca foi pensada de forma que a banda estivesse num local estanque e o resto dos participantes fossem um coro alinhado e colocado de forma convencional no palco. O idealizado, desde o início, foi que, sempre que possível, todos os participantes estivessem juntos no palco, sem distinção, criando assim laços de amizade e de responsabilidade dos músicos para com os utentes. Em cada uma das músicas foram atribuídas diferentes tarefas aos músicos, que, para além de tocarem, participavam em algumas ações que decorriam no palco, ao longo das músicas, juntamente com alguns dos utentes, apoiando-os e ajudando-os nas suas tarefas representativas/musicais. Os utentes tinham plena confiança nos músicos e viam neles a ajuda de que poderiam necessitar.

O movimento no espetáculo esteve sempre em mente. Pretendia-se um espetáculo com dinamismo, sem paragens, onde, sempre que possível, os utentes e músicos estariam a realizar tarefas, em consonância com as músicas, que melhor ilustrassem/caracterizassem cada uma das músicas, através de movimentos expressivos. Tendo em conta as diferentes características encontradas no grupo de utentes, uma das opções tomadas foi a de recorrer ao movimento aleatório, de todos os participantes, pelo palco.

Todas as músicas foram cantadas apenas com uma estrofe ou refrão, pois seriam muitas letras que teriam que ser assimiladas pelos utentes, o que se tornaria demasiado complexo para o tempo previsto para preparar a atividade. Além disso, cantando as letras completas e com a quantidade de músicas que trabalhamos, o espetáculo ficaria demasiado extenso.

O espetáculo começou com a cortina Régia fechada. Os participantes começaram com o movimento aleatório, à medida que a cortina ia subindo, e o público ia começando a ter visibilidade do palco. Este movimento aleatório tinha como som de fundo uma banda filarmónica a afinar e a confusão geral de aquecimento, e termina quando a banda começa a afinação. É esse o sinal que leva os músicos que tocam na primeira música (Não vás ao Mar, Toino), a tomarem os seus lugares, sem que os outros participantes deixassem o movimento aleatório. Entretanto, um dos utentes coloca-se na frente do palco, encenando o nosso "Toino". Ao meu sinal, os músicos começavam a tocar e a cantora a cantar.

Ao iniciar então a música "Não vás ao Mar, Toino", a cantora, pertencente à banda, era acompanhada, numa das partes, pelo grupo restante de participantes com "Hmmm", na outra parte da música respondem à cantora e apontam no sentido do nosso "Toino". A base musical foi executada por alguns dos músicos que, entretanto, saíram do movimento aleatório. Esta é a única música em que existe alguém a cantar a solo, pois foi a melhor forma encontrada para a interpretação da música, uma vez que se revelou uma tarefa complicada de se realizar, da parte dos utentes.

Para todas as músicas, os pontos do palco em que os participantes que teriam um papel importante, estavam devidamente ensaiados e combinados para que estivessem devidamente iluminados. Isso acontecia quando tinham de intervir de alguma forma, como cantar ou representar.

Na organização do grupo, para esta primeira música, houve alguma confusão, sendo necessário segurar numa das utentes, que inicialmente não estava previsto, e a utente que ficou de recolher as fitas plásticas, que faziam parte dos adereços cénicos, não teve oportunidade de o fazer, tendo sido um elemento da banda a assegurar esta recolha. Estes adereços representavam as ondas do mar, relativas à primeira música, e ficavam depois na frente do palco, para que mais adiante no espetáculo, outra utente colocasse lá um barco de papel.

De seguida, a viagem/roteiro continuou e ouvimos um áudio com o som de um comboio, pois íamos em direção ao Porto. Para fazer a ligação entre as duas, existe um diálogo que nos leva nesse sentido.

Músico: - Olá Paulo! Conhecias esta canção?

Paulo: - Olá! Sim, conhecia.

Músico: - Esta canção é da nossa região. Vamos fazer uma viagem através de canções?

Paulo: - Sim.

Músico: - Vamos então. Olha, já estou a ouvir o comboio. Vamos de comboio?

Paulo: - Sim.

Para esta região usamos a música "Olhó Balão", com uma letra adaptada e desenvolvida pela instituição, sendo acompanhada por quase todos os músicos.

Olha a APP nesta noite de alegria

Pra mostrar a toda a gente o que faz no dia-a-dia

Ó-i-ó-ai, a cantar e a dançar

Com sorrisos e abraços conseguimos ajudar.

Ó-i-ó-ai, vim fazer um bailarico

Ó-i-ó-ai, e também já tinha dito

Que os nossos utentes são especiais

Tudo que fazamos nunca é demais. (bis)

Vamos lá bailar, e acreditar, que a brincar tudo podemos mudar

Vamos lá bailar, e acreditar, que a brincar tudo podemos mudar

Nesta música e letra, que realça alguns aspetos do trabalho diário com estes utentes, todos os participantes que não estavam a tocar, formaram uma roda e assim deram movimento à cena. Relativamente ao cenário e adereços, durante a música, dois utentes acompanhados por um músico, vão buscar 2 balões de S. João e colocam-nos num determinado ponto, para depois serem içados pela produção durante a música.

Ao finalizar esta música, existe um novo diálogo, sempre o mais na frente possível do palco, que nos remete para a região que se segue, o Minho.

*Meninas, vamos ao Vira
Ai, que o Vira é coisa boa! (bis)
Eu já vi dançar o Vira,
Ai, às meninas de Lisboa (bis)*

*O Vira, que vira
E torna a virar
As voltas do Vira
São boas de dar (bis)*

Praticamente estão todos os músicos a tocar, os restantes músicos juntam-se aos utentes e formam uma roda onde vão cantando e dançando.

A banda toca, acompanhando o grupo, até que executa uma secção da música, em que esta é desconstruída ao nível da composição, para depois voltar ao início. O ensaio desta secção foi difícil, pois eram necessários todos os músicos presentes, o que só foi possível no último ensaio, e, aí, tomada a decisão de que seria possível utilizarmos este material sonoro no espetáculo.

No final da música ouve-se o ruído de um carro (áudio), enquanto os participantes continuavam na roda. No dia do espetáculo um dos utentes ficou na frente do palco, ajudado pelo andarilho, pois tinha dificuldades na locomoção.

Em simultâneo com o ruído do carro, os músicos vão evocando o pequeno excerto da música seguinte, de forma aleatória. A música é o "Oliveira da Serra", e o excerto é "OIO-AI". O grupo que não toca, faz uma roda e o utente que usa andarilho, fica na frente do palco.

Esta música levou-me a uma reflexão maior do ponto de vista ético. Este pequeno excerto, que mencionei anteriormente, foi cantado pelo utente que está na frente do palco, com o andarilho, durante a execução da música. É aqui que reside o motivo da reflexão, porque desde a primeira vez que experimentámos, sempre causou muito impacto em quem via, pois todos se riam com o utente que, só por si, já é uma pessoa bem disposta e divertida. O momento de paragem para ele cantar sozinho o excerto, poderia ser considerado de uso de uma pessoa, para depois ser ridicularizada perante o resto, pois todos se riam dele, fazendo chacota e não do momento musical em si. Além disso, seria sempre um risco, pois teríamos de estar com ele e esperarmos

pela sua intervenção. Após esta reflexão, considerei que o mais importante era ele se sentir bem e feliz – e foi isso que sempre transpareceu. De facto, algum preconceito que possa existir, somos nós, ditos “normais”, que os temos e não ele, que mostra o que realmente sente.

Ao finalizar a música "Oliveira da Serra", entram em palco 3 elementos da banda com 3 adufes, dois deles construídos pelos próprios utentes da instituição, marcando o ritmo da música seguinte, "Milho Verde". Os elementos com os adufes sentam-se no chão, na frente do palco. Entretanto, os restantes músicos executam a música e o resto do grupo forma uma roda, em que vão fazendo o movimento rotativo habitual.

No final da música, acontece de novo um diálogo que nos leva à próxima música. Neste diálogo, existe um erro ortográfico, na palavra "passarinho", mas era a forma como o utente dizia a palavra.

Músico: - Então Pedro, e agora o que vamos cantar?

Pedro: - Pissarinho.

Músico: - E a que horas?

Pedro: Às 4 da madrugada

Nesta música, optámos por dar um pouco de descanso aos utentes, sentando-os numa roda à volta do palco e cantando a música "Eu ouvi um Passarinho".

Com esta música pretendeu-se mostrar diferentes perspetivas da música e, assim, foram cantadas em diferentes modos, dando cores diferentes à melodia bem conhecida de todos. Cada modo novo apresentado, era interpretado em primeiro lugar por um músico a solo e depois era interpretada a música, nesse modo, pelo ensemble, para cada um dos modos e cantado pelo resto dos participantes. No final da música surge novo diálogo, que nos leva à próxima região e sua respetiva música. O diálogo termina com uma pergunta, não respondida com palavras, mas com um ato, pois uma das utentes, acompanhada de um músico, leva um pequeno barco de papel para cima das fitas, usadas na primeira música, e que foram deixadas na frente do palco, fazendo lembrar as ondas do mar. A música “Tia Anica de Loulé” foi interpretada conforme o acompanhamento, e voltaram a formar a roda.

De seguida um novo diálogo nos levou à próxima música, “Papagaio Loiro”. Esta inicia-se da mesma forma que a anterior, pois é colocada uma questão no diálogo, e a resposta é dada com o ato de um dos utentes passar pelo palco com uma bicicleta, à mão.

Aqui residiu uma das reflexões que tenho a fazer e corrigir, caso volte a produzir um outro evento desta natureza. Todas estas movimentações, por parte de utentes, têm que ser acompanhadas por algum elemento da banda, pois o utente que ficou com essa responsabilidade confundiu-se e entrou antes do tempo, o que fez com que o diálogo que seria nesse momento, deixasse de fazer sentido.

A música "Tia Anica" começou com movimento aleatório do grupo e com alguns elementos da banda a tocar fragmentos da escala hispano-árabe. Os restantes participantes estão todos em roda a cantar a música. No final desta música é colocado de novo um áudio, que faz a transição para a música seguinte.

A música que se seguiu foi o "Bailinho da Madeira", cantado e tocado. O grupo que canta, começou a chegar-se à frente do palco dividindo-se em dois e a banda começou a diluir-se juntando-se ao resto do grupo que cantava, até que a banda desaparece e ficam todos a cantar. Quando se estabilizou o grupo, fez-se um cânon a duas vozes, ainda na mesma música, com todos os participantes e que se vai desvanecendo aos poucos, após algumas repetições. Assim como a música foi desvanecendo, o grupo também voltou ao movimento aleatório, pelo palco, enquanto quatro utentes se colocaram na frente do palco, virados para o público.

Estes 4 utentes iniciaram a música seguinte (Ao passar a Ribeirinha), com um ostinato baseado em 4 diferentes fragmentos da letra. Estes inicialmente eram falados e não cantados, e todos interpretados ao mesmo tempo, mas, por parte dos utentes, foi complicado falar uma letra que conhecem bem a cantar. Entretanto, a banda executou a música com o resto do grupo a cantar. No final da música ouvimos de novo um áudio que fez a transição para a próxima música.

A música seguinte foi o "Malhão Malhão", na qual tirámos proveito do facto de um dos utentes saber tocar a música na harmónica, tendo um elemento da banda ficado a acompanhá-lo com o bombo. Depois, a banda tocou a música várias vezes até que voltámos à harmónica. Aqui, em conversa com o utente, foi-lhe perguntado no espetáculo se ele sabia tocar outra, previamente combinado, e ele tocou o "Apita o comboio", acompanhado por todos. Entretanto, outro utente, inesperadamente, chegou-se ao pé dele e cantou e bateu palmas, isto já fora do planeamento. Para a transição seguinte, ouvimos novamente um áudio.

A música seguinte foi a inicial e foi executada da mesma forma que no início, com a exceção do facto de ser repetida mais vezes, no final. Para terminar o espetáculo, a banda foi-se desfazendo e juntando ao grupo e acabou com todos os participantes na frente do palco a cantar.

Como é um grupo especial, tudo deve ser pensado antecipadamente e o normal é ser solicitado um encore. Por isso, já estava definido que seria o "Olhó Balão", com a letra da instituição, fazendo agora descer de novo os balões de S. João, tal como aconteceu quando foi interpretada a música.

CAPÍTULO III – Testemunhos e reflexão

Para melhor descrever a forma como este projeto se foi concretizando, culminando no espetáculo final, nada melhor do que tentar perceber as diferentes impressões/vivências dos diferentes intervenientes, o que lhes ficou na memória e quais as emoções que vão ficar associadas a esta experiência. Na impossibilidade de expressarmos todas as sensações que os principais intervenientes tiveram com esta experiência na primeira pessoa, por todas as dificuldades ao nível cognitivo e de comunicação, ficamo-nos por realizar uma breve descrição de todas as emoções que eles foram demonstrando ao longo de todo este percurso. A recolha de testemunhos neste projeto é condicionada pela condição dos participantes, pois os participantes principais não se conseguem expressar por si só, necessitando sempre de ajuda, e, por isso, a opinião/ descrição pode sempre sofrer induções, ainda que involuntárias, por parte do facilitador. Durante os ensaios na instituição, e tendo em conta que o reportório escolhido era, na sua maioria, conhecidos e do agrado dos participantes, as gargalhadas, sorrisos, palmas e estados de euforia iam acontecendo com muito frequência, sendo muitas vezes necessário refrear os ânimos e tentar focar-nos nos pontos importantes de cada uma das músicas. Quando os ensaios passaram a ser no Cineteatro Alba, foi notória a ansiedade de todos pelo novo espaço, no qual ainda não se sentiam familiarizados, não só pelo espaço em si, mas também pela sua grandeza. Assim, foi necessário libertá-los e familiarizá-los com este novo espaço. O passo seguinte foi o ensaio no palco, e aqui foi notório o nervosismo deles, o olhar dirigido para a grandiosa sala, o tamanho do palco, o passar para o outro lado que não o de espectadores. Penso que aqui foi a primeira vez que eles tiveram a noção que iriam estar a ser observados. Depois tiveram de se adaptar uma nova envolvência quer sonora, quer espacial, e a ouvir as músicas e as suas próprias vozes. No dia do espetáculo o nervosismo estava lá, alguns com a noção de que tinham um papel importante e com algum receio de que alguma coisa pudesse ser esquecida. No início do espetáculo a admiração da maioria deles estava patente aos olhos de todos os espectadores. Foi engraçado quando alguns deles olharam para o público e começaram a perceber que na plateia estavam algumas caras suas conhecidas, o que durou algum tempo após o início do espetáculo e que foi sendo dissuadido com o apoio das auxiliares e dos músicos que os ajudaram a retomar o papel de cada um nas diferentes músicas. No final do espetáculo, a alegria estava patente nos rostos de todos eles. O reconhecimento final dado pelo público, com uma ovação calorosa, foi sentida por eles e todos estavam felizes com todas as experiências vividas nestes últimos tempos. Não poderia deixar de referir também que o momento em que lhes foi proporcionado uma breve

conversa com a cantora Sara Tavares, durante os ensaios, foi também marcante para alguns, uma vez que conheciam algumas das suas músicas e identificaram-na como uma pessoa "famosa". De uma forma geral, se lhes perguntarmos se gostavam de voltar ao Cineteatro Alba e repetir este projeto, a maioria responde com um enorme sorriso e com vontade de o fazer.

Do ponto de vista institucional, foi publicado um agradecimento formal na sua página da rede social Facebook, um texto em que realçou e valorizou o trabalho desenvolvido pelo professor e a sua forma de trabalhar, que assim permitiu o espetáculo no Cineteatro Alba, e que representou uma experiência única no dia-a-dia de cada um dos utentes desta instituição.

Já as auxiliares e responsável técnica da instituição deram ênfase ao processo, desde o início, pois estiveram presentes e conseguiram dar um testemunho muito positivo de todo o trabalho que levou ao espetáculo, salientando que os utentes viveram momentos inesquecíveis e que poderá ter sido a primeira de muitas atuações. De salientar o seu trabalho, empenho e paciência durante todo este processo, e da enorme importância que atribuem a este tipo de atividades. É através de quem trabalha diariamente com eles, que temos a melhor perceção de todo o envolvimento que o trabalho desenvolvido tem e do impacto que ele provoca no dia-a-dia de cada um dos utentes. Todas estas pessoas, sem exceção, referem que, apesar de todo o trabalho que esta atividade implica e do esforço acrescido que têm que fazer em muitos dos dias de trabalho, voltariam a fazer tudo de novo e mostram muita vontade em voltar a realizar um projeto novo, deste género.

Analisando os testemunhos dos músicos, de uma forma geral, todos classificam de muito positiva esta experiência, utilizando diferentes palavras para descreverem a experiência: diferente, especial, gratificante, inesquecível, magnífica e marcante. Um dos elementos destaca ainda a oportunidade de conhecer outros músicos das outras bandas do concelho. De salientar que a maioria destes músicos eram jovens adolescentes e que tiveram pela primeira vez que trabalhar com uma população especial. De assinalar aqui o envolvimento em dois tipos de vivências distintas. Em primeiro lugar o contacto com novos músicos, com os quais não estavam habituados a conviver, por outro lado, o contacto com uma parte da nossa população com características diferentes e especiais, com as quais tiveram que aprender a comunicar e a interagir, adaptando os seus conhecimentos e perceções a cada um dos utentes da instituição. De uma forma mais fácil foi feita a interação com os restantes músicos que iriam fazer parte deste concerto, que, apesar de não se conhecerem, falavam todos a mesma "língua" no que respeita aos conhecimentos musicais. Já no que diz respeito ao relacionamento com os utentes da instituição, as relações

foram sendo criadas aos poucos, um pouco a medo, com mais facilidade com alguns dos utentes mais comunicativos e de trato mais fácil e afetuoso. No final todos se relacionavam e criaram novos laços de amizade entre eles. Fica neles, também, a vontade de repetir a experiência e referem amiúde o estado de ansiedade inicial, que se transformou em vontade de querer fazer mais.

Com testemunhos destes é gratificante desenvolver projetos neste âmbito, pois a satisfação de quem participa torna todo o trabalho, por mais complicado que possa ser, aliciante e gratificante.

Breve reflexão

Com algum distanciamento temporal torna-se mais fácil o discernimento para reflexão sobre todo o processo que levou ao “Pontes Sonoras”. Como em qualquer projeto, existem dificuldades a contornar e a resolver para que se chegue ao propósito final. Uma das grandes dificuldades foi conseguir congregar o grupo dos músicos.

Um dos objetivos deste projeto era o de ser de todos, pois foi construído por todos.

Quero, antes de mais, salientar que todos os músicos foram voluntários neste projeto, não tendo, por isso, recebido qualquer contrapartida monetária. Tiveram ainda que se deslocar por sua conta para os ensaios e para o espetáculo. Talvez esta tenha sido uma das razões pela qual tive alguma dificuldade em juntar a totalidade das pessoas que compuseram a banda, uma vez que, como em tudo, existem pessoas que se entregam mais aos projetos que outras. Só foi possível ter a banda completa a ensaiar no próprio dia do espetáculo. E no penúltimo ensaio, foram testadas pela primeira vez secções dos arranjos que estavam em risco de não serem executadas, em virtude de os elementos que as iriam executar nunca terem estado presentes nos ensaios.

Em relação ao nível musical, estiveram muito bem para o que foi exigido. Ao nível das relações interpessoais, se num primeiro contato não estiveram tão à vontade, com o passar do tempo e o decorrer do projeto, foram conseguindo com relativa facilidade relacionar-se com utentes e colegas, que, na maioria dos casos, não conheciam. A inclusão foi, assim, conseguida e era esse o grande propósito.

Com este projeto pudemos perceber que os utentes, em todos os movimentos que tenham alguma importância cénica ou teatral, devem ser acompanhados por outros participantes, uma vez que podem bloquear ou não perceber o *timing* ideal. O seu acompanhamento, por parte dos músicos ou auxiliares, é fundamental.

A gestão do cansaço e horário dos utentes no dia do espetáculo foi uma questão delicada, pois nem todos funcionam da mesma forma. A quebra de algumas medicações e hábitos diários dos utentes, poderia trazer alguma fragilidade aos próprios. Só a título de exemplo, ao fazermos o aquecimento, já uma utente estava a adormecer. Após o aquecimento, as cortinas baixaram e os utentes ficaram no palco em silêncio. Com isto, 5 minutos antes do início do espetáculo tínhamos 2 utentes a dormir. Despertaram um pouco antes do início, mas a sua reação é uma incógnita.

Conclusão final

Um projeto pode ter um término, com data e hora marcadas. Neste, a data do evento era também a data do seu encerramento. No entanto, esse término, pode impulsionar outros projetos. Quando isto acontece, podemos afirmar que, de certa forma, foi um sucesso, uma vez que foi o mote para o nascimento de novos planos. Como legado deste projeto, vão ficar as sessões de música do Programa Incluir + | Música, da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha na APPACDM Albergaria-a-Velha, com a possibilidade de novos projetos se realizarem. O Pontes Sonoras será a “marca” para novos eventos neste âmbito. À data da defesa deste trabalho, todo o processo para a criação de um novo espetáculo Pontes Sonoras, já estará em curso, bem como as sessões de música do Programa Incluir + | Música.

Para além deste legado, a utilização destes músicos foi uma experiência, para que no futuro possa surgir a criação de uma orquestra de âmbito municipal, que envolva os jovens das 5 bandas do concelho. Este tipo de orquestra municipal existe em outros concelhos, e traz sempre uma maior união nos participantes, que no caso seria uma melhor identificação com o concelho, pois apesar de pertencerem a bandas filarmónicas vizinhas, provavelmente nem se conheceriam. Posto isto, já fiz uma proposta ao executivo para a criação de uma orquestra municipal de jovens, com os elementos das bandas. A proposta foi recebida com agrado, e de momento está em fase de avaliação para depois se avançar com a mesma.

Este espetáculo, sendo da comunidade e para a comunidade, foi gratuito com a obrigatoriedade de levantar bilhete. A data foi a data possível de agendamento. Quarta-feira não é o melhor dia da semana para um evento deste género, mas apesar disso, foram emitidos 198 bilhetes, ficando 6 por dar entrada. Ou seja, o espetáculo foi visto por 192 pessoas. Em anexo, junto a Folha de Bilheteira onde poderão verificar os números avançados anteriormente.

Uma mais-valia do projeto será sempre o da melhoria da qualidade de vida dos utentes, e se de alguma forma isto foi alcançado, ainda que de uma forma muito reduzida, então já valeu a pena. As expressões dos utentes que mostravam o seu contentamento, foram a melhor recompensa para qualquer líder de projeto. Sabe-se que é uma pequena contribuição apenas, mas que se espera, seja a primeira de muitas.

Bibliografia

Campbell, Don (2000). Tradução Isabel Cardoso e Liliana Silva. O efeito Mozart. Cruz Quebrada. Estrela Polar.

Canto, Helena (2010). Educação musical e animação socioeducativa no 1ºciclo no âmbito das actividades de enriquecimento curricular. Chaves. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Acedido em 19 de Outubro de 2014, em:

https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/588/1/msc_hmpcanto.pdf

Carvalho, Delmar (2009). A História das Bandas. Artigos Melteca 2009. Acedido em 17 de setembro de 2009, em:

<http://www.meloteca.com/pdfartigos/delmar-domingos-de-carvalho-a-historia-das-bandas.pdf>

Coelho, Paulo (2010). Integração de alunos com necessidades educativas especiais no ensino regular – Um estudo de caso. Madeira. Universidade da Madeira. Acedido em 26 de setembro de 2014, em:

http://www3.uma.pt/defd/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=151&Itemid=34

Correia, Luís et al. (2010). Educação Especial e Inclusão. Porto. Porto Editora colecção Educação Especial.

Dias, Luísa (2011). Inclusão social de cidadãos portadores de deficiência(s) residentes no concelho de Miranda do Douro. Bragança. Instituto Politécnico de Bragança. Acedido em 25 de setembro de 2014, em:

<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/6870>

Diniz, Squinca e Medeiros (2007). Deficiência, cuidado e justiça distributiva. SérieAnis. Brasília.

Acedido em 20 de outubro de 2014, em:

http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa48_dinizsquincamedeiros_deficiencia.pdf

Guerra e Quintela (2007). A Cultura como alavanca de inclusão e de participação social: *uma nova geração de políticas públicas de proximidade*. First International Conference of Young Urban Researchers. Lisboa. CIES – Centre for Research and Studies in Sociology. Acedido em 20 de outubro de 2014, em:

<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/53670>

HIGGINS, Lee (2010). Representação de prática: música na comunidade e pesquisa baseada nas artes. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 23, 7-14, mar. 2010. Acedido em 11 de setembro de 2014, em:

http://www.abemeducaomusical.org.br/Masters/Revista%2023/revista23_texto1.pdf

Higgins, Lee (2012). *Community Music In Theory and In Practice*. Nova Iorque. Published to Oxford Scholarship Online. Acedido em 20 de outubro de 2014, em:

<http://global.oup.com/academic/product/community-music-9780199777839;jsessionid=3EBCED3D99C31A569AAB5584773FA68C?cc=pt&lang=en&>

Lamela, Inês (2012). *Reclusão e experiência musical: a prática de piano em contexto prisional*. Aveiro. Não publicado.

Lamela, Inês (2013). *Viagem do espírito no espaço e no tempo: da música na comunidade aos projetos musicais em contexto de prisão*. Aveiro. Não publicado.

Lamela, Inês (2013). Música na comunidade e educação musical: para uma abertura de fronteiras e livre circulação de práticas. Aveiro. Não publicado.

UNESCO (1994). Declaração de Salamanca. Salamanca. Acedido em 26 de setembro de 2014, em: http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf

UNICEF (1959). DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS. Acedido em 20 de outubro de 2014, em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf

Prendas (2014). Serviço Educativo 2014/15. Porto. Casa da Música. Acedido em 18 de setembro de 2014, em: www.casadamusica.com

Ramos, Catarina (2012). Inclusão Social e Música: o Projeto Centro Cultural de Amarante – Orquestra Geração 2011/2012. Porto. Universidade do Porto. Acedido em 25 de setembro de 2014, em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/68672>

Ribeiro, Raimundo (2012). Inclusão através do projeto Música no Munim: Musicalizando crianças e jovens. São Luís. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato-Grosso. Acedido em 25 de setembro de 2014, em: http://musica.ufma.br/ens/tcc/13_ribeiro.pdf

Sousa, Alberto (2003). Educação pela arte e artes na educação 3º Volume – Música e Artes Plásticas. Lisboa. Edições Instituto Piaget Coleção Horizontes Pedagógicos.

Sudario, Eliale (2006). Inclusão social através da música. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Acedido em 25 de setembro de 2014, em:

<http://www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/elialeoliveira.pdf>

Vale, Ricardo (2008). Música e Território em contexto urbano: o caso do Porto. Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Acedido em 19 de Outubro de 2014, em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7719>

Veblen, K. (2008). THE MANY WAYS OF COMMUNITY MUSIC. Acedido em 11 de setembro de 2014, em:

<http://www.intellectbooks.co.uk/MediaManager/Archive/IJCM/Volume%20A/03%20Veblan.pdf>

Veblen & Olsson (2002). The New Handbook of Research on Music Teaching and Learning: A Project of Music Educators National Conference. Nova Iorque. Oxford University Press. Acedido em 20 de outubro de 2014, em:

<http://books.google.pt/books?id=iakFqWZGvhkC&pg=PA730&dq=community+music:+toward+an+international+overview&hl=pt-PT&sa=X&ei=qzJFVNfDIInraJWlgsAH&ved=0CB4Q6AEwAA#v=onepage&q=community%20music%20toward%20an%20international%20overview&f=false>

Site da Banda Velha União Sanjoanense. <https://pt-pt.facebook.com/BandaSanjoanense>

Anexos

- I. Cancioneiro
- II. Cartaz
- III. Diálogos
- IV. Folha de bilheteira
- V. Folha de Sala
- VI. Certificado
- VII. Partitura
- VIII. Testemunhos
- IX. Todos os documentos enviados às bandas

Cancioneiro

PONTES SONORAS

Roteiro de Portugal

04 DE JUNHO 2014, CINETEATRO ALBA

Índice

Não vás ao mar Toino

Olha a APP

Vira do Minho

Oliveira da Serra

Milho verde

Eu ouvi o passarinho

Tia Anica de Loulé

Papagaio Loiro

Bailinho da Madeira

Ao passar a ribeirinha

Malhão malhão

NÃO VÁS AO MAR, TOINO

popular: Beira Litoral

NÃO VÁS AO MAR, TOINO
O MAR ESTÁ RUIM, TOINO
É FALSO O MAR, TOINO
PENAS SEM FIM, TOINO

AI, TOINO, TOINO
QUE MAU RAPAÇ QUE ÉS,
AI TOINO TOINO,
NEM UMAS BOTAS TENS P'RÓS PÉS. (bis)

ADEUS MARIA
QUE EU VOU P'RÓ MAR
PESCAR SARDINHA
P'RA SER RAINHA
ELA E FRESQUINHA
DA COR DA PRATA
NÃO TENHAS MEDO
QUE O MAR NÃO MATA

OLHA A APP "OLHÓ BALÃO"

popular: Douro Litoral

Olha a APP nesta noite de alegria
Pra mostrar a toda a gente o que faz no dia-a-dia
Ó-i-ó-ai, a cantar e a dançar
Com sorrisos e abraços conseguimos ajudar.

Ó-i-ó-ai, vim fazer um bailarico
Ó-i-ó-ai, e também já tinha dito
Que os nossos utentes são especiais
Tudo que fazemos nunca é demais. (bis)

Vamos lá bailar, e acreditar, que a brincar tudo podemos mudar

Vamos lá bailar, e acreditar, que a brincar tudo podemos mudar

VIRA DO MINHO

popular: Minho

Meninas, vamos ao Vira
Ai, que o Vira é coisa boa! (bis)
Eu já vi dançar o Vira,
Ai, às meninas de Lisboa (bis)

O Vira, que vira
E torna a virar
As voltas do Vira
São boas de dar (bis)

Meninas vamos ao Vira,
Ai, que o Vira é coisa linda! (bis)
Eu já vi dançar o Vira,
Ai, às meninas de Coimbra (bis)

O Vira que Vira ,
O Vira virou
As voltas do Vira
Sou eu quem as dou. (bis)

Meninas vamos ao Vira,
Ai, que o Vira é coisa bela! (bis)
Eu já vi dançar o Vira,
Ai, às meninas de Palmela (bis)

OLIVEIRA DA SERRA

popular: Beira-Alta

O Oliveira da Serra

O Vento leva a flor

Ó i ó ai Só a mim ninguém me leva

Ó i ó ai Para o pé do meu amor

O Oliveira da Serra

O Vento leva a ramada

Ó i ó ai Só a mim ninguém me leva

Ó i ó ai Para o pé da minha amada

MILHO VERDE

popular: Beira-Baixa

Milho verde, milho verde
Milho verde maçaroca
À sombra do milho verde
Namorei uma cachopa

Milho verde, milho verde
Milho verde miudinho
À sombra do milho verde
Namorei um rapazinho

Milho verde, milho verde
Milho verde folha larga
À sombra do milho verde
Namorei uma casada

Mondadeiras do meu milho
Mondai o meu milho bem
Não olhais para o caminho
Que a merenda já lá vem

EU OUVI O PASSARINHO

popular: Alentejo

Eu ouvi um passarinho,
Às quatro da madrugada,
Cantando lindas cantigas,
À porta da sua amada.

Por ouvir cantar tão belo,
A sua amada chorou.
Às quatro da madrugada,
O passarinho cantou.
Às quatro da madrugada,
O passarinho cantou.

Alentejo terra santa,
Tudo é coberto de pão
Traz o ninho na garganta
Lembra de bem a oração.
Traz o ninho na garganta
Lembra de bem a oração.

Eu ouvi um passarinho,
Às quatro da madrugada.
Cantando lindas cantigas,
À porta da sua amada.
Cantando lindas cantigas,
À porta da sua amada.

Por ouvir cantar tão belo,
A sua amada chorou.
Às quatro da madrugada,
O passarinho cantou.
Às quatro da madrugada,
O passarinho cantou.
Às quatro da madrugada,
O passarinho cantou.
Às quatro da madrugada,
O passarinho cantou.

TIA ANICA DE LOULÉ

popular: Algarve

Tia Anica, tia Anica,
Tia Anica de Loulé,
A quem deixaria ela
A caixinha do rapé? [Bis]

[=Refrão=]

Olé, olá,
Esta vida não está má,
Olá, olé,
Tia Anica de Loulé.

Tia Anica, tia Anica,
Tia Anica da Fusetta,
A quem deixaria ela
A barra da saia preta?

[Refrão]

Tia Anica, tia Anica,
Tia Anica de Alportel,
A quem deixaria ela
A barra do seu mantel?

[Refrão]

PAPAGAIO LOIRO

popular: Ribatejo

Papagaio loiro
de bico doirado,
leva-me esta carta
ao meu namorado.

Para o outro lado,
para a outra margem,
papagaio loiro
de linda plumagem.

De linda plumagem.
linda como o oiro,
leva-me esta carta,
papagaio loiro.

BAILINHO DA MADEIRA

popular: Madeira

Eu venho de lá tão longe
Venho sempre á beira mar
Eu venho de lá tão longe
Venho sempre à beira-mar

Trago aqui umas couvinhas
Trago aqui umas couvinhas
Pr' amanhã o seu jantar
Pr' amanhã o seu jantar

Deixa passar esta linda brincadeira
Que a gente vamos bailar
Prá gatinha da madeira
Deixa passar esta linda brincadeira
Que a gente vamos bailar
Pra gatinha da madeira

A madeira é um jardim
A madeira é um jardim
No mundo não há igual
No mundo não há igual

Seus encantos não têm fim.
Seus encantos não têm fim
É filha de Portugal
É filha de Portugal.

Deixa passar esta linda brincadeira
Que a gente vamos bailar
Pra gatinha da madeira
Deixa passar esta linda brincadeira
Que a gente vamos bailar
Á gatinha da madeira.

Deixa passar

AO PASSAR A RIBEIRINHA

popular: Açores

Ao passar a ribeirinha
Pus o pé, molhei a meia,
Pus o pé, molhei a meia,
Pus o pé, molhei a meia!

Namorei na minha terra,
Fui casar/ em terra alheia,
Fui casar em terra alheia,
Porque não/ fiquei na minha!

Fui casar em terra alheia,
Minha mãe/ não me ralhou;
Minha mãe já não se lembra
Do tempo/ que já passou!

Do tempo que já passou,
Do tempo/ que já lá vai,
Minha mãe já não se lembra
Quando na/morou meu pai!

MALHÃO MALHÃO

popular: Estremadura

Ó malhão, malhão,
que vida é a tua?
Ó malhão, malhão,
que vida é a tua?
Comer e beber, ó terrim, tim, tim,
passear na rua.
Comer e beber, ó terrim, tim, tim,
passear na rua.

Ó malhão, malhão,
ó malhão d'aqui,
Ó malhão, malhão,
ó malhão d'aqui,
se dançar, dancei, ó terrim, tim, tim,
se fugi, fugi.
se dançar, dancei, ó terrim, tim, tim,
se fugi, fugi.

Ó malhão, malhão,
ó malhão vai ver,
Ó malhão, malhão,
ó malhão vai ver,
as ondas do mar, ó terrim, tim, tim,
ai, onde vão ter.
as ondas do mar, ó terrim, tim, tim,
ai, onde vão ter.

Ó malhão, malhão,
ó malhão do Norte,
Ó malhão, malhão,
ó malhão do Norte,
quando o mar está bravo, ó terrim, tim, tim,
faz a onda forte.
quando o mar está bravo, ó terrim, tim, tim,
faz a onda forte.

Ó malhão, malhão,
ó malhão do Sul,
Ó malhão, malhão,
ó malhão do Sul,
quando o mar está manso, ó terrim, tim, tim,
faz a onda azul.
quando o mar está manso, ó terrim, tim, tim,
faz a onda azul.

www. **cineteatroalba** .com
albergaria-a-velha

PONTES SONORAS

04JUN2014.21H30

sac.sala principal

sac



© Bruno Moreira



ALBERGARIA
A-VELHA
MUNICÍPIO

cineteatro
alba

MECENAS DO CINETEATRO ALBA

grupo
polivouga

GROHE

CITERGAZ

Diálogos

1. No final de “Não vás ao mar Toino”

Músico: - Olá Paulo! Conhecias esta canção?

Paulo: - Olá! Sim, conhecia.

Músico: - Esta canção é da nossa região. Vamos fazer uma viagem através de canções?

Paulo: - Sim.

Músico: - Vamos então. Olha já estou a ouvir o comboio. Vamos de comboio?

Paulo: - Sim.

2. No final de “OlhAPP”

Músico: - Esta canção ficou muito linda com esta letra.

Músico: - Pois ficou. E são mesmos especiais. Vamos agora até aos verdes do Minho.

3. Antes de “Eu ouvi o passarinho”

Músico: - Então Pedro, e agora o que vamos cantar?

Pedro: - Pissarinho.

Músico: - E a que horas?

Pedro: Às 4 da madrugada

4. Antes da “Tia Anica de Loulé”

Músico: - E agora vamos de férias para o Algarve?

Paulo: - Sim

Músico: - E vamos como?

Utente traz um barco de papel

5. Antes do “Papagaio Loiro”

Músico: - E agora como vamos seguir viagem?

Paulo: - Não sei

Entra o António com a bicicleta e buzina

Folha de bilheteira



Mapa de Controlo de Acessos



Pontes Sonoras
Cineteatro Alba
QUARTA-FEIRA 04 / Jun / 2014 - 21:30

Sector	Bilhetes	Entradas Únicas	Entradas	Por Entrar	% Entradas
1ª Plateia	162	156	156	6	96.3%
2ª Plateia	36	36	36	0	100.0%
Total	198	192	192	6	97.0%

Folha de Sala

www.**cineteatroalba**.com
albergaria-a-velha

PONTES SONORAS
04 JUN 2014, 21H30
sac sala principal

OLHA A APP
"OLHO BALÃO" - popular: Douro Litoral

Olha a APP nesta noite de alegria
Pra mostrar a toda a gente o que faz no dia-a-dia
Ó-i-ó-ai, a cantar e a dançar
Com sorrisos e abraços conseguimos ajudar.

Ó-i-ó-ai, vim fazer um bailarico
Ó-i-ó-ai, e também já tinha dito

Que os nossos utentes são especiais
Tudo que fazemos nunca é demais. (bis)

Vamos lá bailar, e acreditar, que a brincar tudo podemos mudar
Vamos lá bailar, e acreditar, que a brincar tudo podemos mudar

Olha a APP nesta noite d'alegria
Tudo isto foi possível com a vossa companhia
Ó-i-ó-ai, vamos lá aplaudir
A coragem e a força dos utentes a servir

Ó-i-ó-ai, vim fazer um bailarico
Ó-i-ó-ai, e também já tinha dito

Que os nossos utentes são especiais
Tudo que fazemos nunca é demais. (bis)

Vamos lá bailar, e acreditar, que a brincar tudo podemos mudar
Vamos lá bailar, e acreditar, que a brincar tudo podemos mudar



sac







PONTES SONORAS

No âmbito do programa *Incluir + Música* da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha e da parceria desenvolvida nesta área com a APPACDM de Albergaria-a-Velha, surge **Pontes Sonoras**, um espetáculo onde o mais importante é o resultado do trabalho elaborado com os diversos intervenientes e os laços que ficam das sinergias criadas. Pretende-se levar o público através de uma viagem por Portugal onde as canções populares conhecidas de todos nós serão o mote. Os timoneiros desta viagem serão os utentes da APPACDM de Albergaria-a-Velha e os jovens músicos provenientes das cinco bandas do concelho.

Produção e organização
Cineteatro Alba | Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha

Direção artística Bruno Moreira
Técnico som Pedro Ferreira
Técnico iluminação Victor Melo
Direção de cena Marco Amado
Técnico de cena Carlos Fonseca
Bilheteira José Rocha
Cafetaria Ana Babo e Hugo Seixas
Fronte de casa Cristiano Pinto
Assistentes de sala Liliana Ventura e Vera Oliveira

PARTICIPANTES

Alcina Guerra
Alexandra Marquez
Alice Pereira
Ana Amaral
Ana Margarida
Ana Nogueira
Ana Oliveira
Ana Ribeiro
Anabela Portugal
André Rocha
André Castro
António Santos
António Soares
Bruno Ferreira
Bruno Moreira
Catarina Almeida
Cátia Barros
Claudia Guedes
Cristina Araújo

Cristina Sequeira
Daniela Marquez
Diana Batista
Fábio Silva
João Bastos
João Silva
José Ramos
Leandro Oliveira
Marcela Almeida
Márcia Coelho
Marta Anunciação Lopes
Mafalda Vidal
Nuno Oliveira
Patrícia Pisco
Patrícia Silva
Paulo Albino
Pedro Leite
Pilar Cabeça
Rafael Lopes
Sandra Aguiar

INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

APPACDM – Albergaria-a-Velha
ARMAB – Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca
Associação de Instrução e Recreio Angejense
Banda Filarmónica do Grupo Desportivo e Cultural de Ribeira de Fraguas
Banda Recreativa União Pinheirense
Banda Velha União Sanjoanense

Certificado

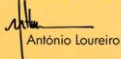
No âmbito do programa *Incluir + Música* da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha e da parceria desenvolvida nesta área com a APPACDM de Albergaria-a-Velha, surge **Pontes Sonoras**, um espetáculo onde o mais importante é o resultado do trabalho elaborado com os diversos intervenientes e os laços que ficam das sinergias criadas. Pretende-se levar o público através de uma viagem por Portugal onde as canções populares conhecidas de todos nós serão o mote. Os timoneiros desta viagem serão os utentes da APPACDM de Albergaria-a-Velha e os jovens músicos provenientes das cinco bandas do concelho.

CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Bruno Moreira

participou em **Pontes Sonoras**, um espetáculo do Serviço de Aprendizagem Criativa, que se realizou no dia 04 de junho de 2014, pelas 21h30, na Sala Principal do Cineteatro Alba.

O Presidente da Câmara Municipal,


António Loureiro

© Bruno Moreira



MECENAS DO CINETEATRO ALBA



Partitura

PONTES SONORAS

Roteiro de Portugal

Não váis ao Mar Toivo

Popular

Musical score for the piece "Não váis ao Mar Toivo" from the album "Pontes Sonoras". The score is for a full orchestra and includes parts for Flute 1 & 2, Oboe, Clarinet in Bb (1 & 2), Alto Saxophone, Tenor Saxophone, Baritone Saxophone, Bassoon, Horn in F (1 & 2), Trumpet in Bb (1 & 2), Trombone (1 & 2), Euphonium, Tuba, and Percussion. The score begins at measure 110. The music is in 2/4 time and features a prominent melody in the flute and clarinet parts, with a steady bass line in the percussion and lower brass.



Continuation of the musical score for "Não váis ao Mar Toivo". This page shows measures 112 through 115. The instrumentation remains the same as the previous page. The score includes performance markings such as "suo flautico" for the flute part and "suo timpanico" for the percussion part. The music continues with the same melodic and harmonic structure.

Copyright © Bruno Moreira

Ólho Baião (Olha APP)

Musical score for Ólho Baião (Olha APP). The score is written for a full orchestra and includes parts for Flute I, Flute II, Clarinet I, Clarinet II, Oboe, Bassoon, Trumpet I, Trumpet II, Trombone I, Trombone II, Trombone III, Percussion, and Timpani. The score is in 2/4 time and features a complex melodic line for the flutes and a rhythmic accompaniment for the percussion and brass.



Continuation of the musical score for Ólho Baião (Olha APP). This section continues the orchestral arrangement, showing the development of the melodic and rhythmic themes established in the previous section. The instrumentation remains the same, with the flute and percussion parts being particularly prominent.

Musical score for the first system, featuring vocal parts (Soprano, Alto, Tenor, Bass) and instrumental parts (Flute, Trumpet, Trombone, Euphonium, Tuba, Percussion). The score is written in a common time signature and includes various musical notations such as notes, rests, and dynamics.



Vira do Minho

Musical score for the second system, titled "Vira do Minho". It features vocal parts (Soprano, Alto, Tenor, Bass) and instrumental parts (Flute, Trumpet, Trombone, Euphonium, Tuba, Percussion). The score is written in a common time signature and includes various musical notations such as notes, rests, and dynamics.

Musical score for page 94, measures 1-12. The score includes parts for Flute 1 (Fl. 1), Flute 2 (Fl. 2), Clarinet 1 (Cl. 1), Clarinet 2 (Cl. 2), Clarinet 3 (Cl. 3), Alto Saxophone (Alto Sax.), Tenor Saxophone (Ten. Sax.), Baritone Saxophone (Bar. Sax.), Bass (Bass), Horns (Hr.), Trumpets (Trp.), Trombones (Tbn.), Euphonium (Euph.), and Tuba (Tuba). The score features complex rhythmic patterns and melodic lines across the woodwind and brass sections.



Musical score for page 95, measures 1-12. The score includes parts for Flute 1 (Fl. 1), Flute 2 (Fl. 2), Clarinet 1 (Cl. 1), Clarinet 2 (Cl. 2), Clarinet 3 (Cl. 3), Alto Saxophone (Alto Sax.), Tenor Saxophone (Ten. Sax.), Baritone Saxophone (Bar. Sax.), Bass (Bass), Horns (Hr.), Trumpets (Trp.), Trombones (Tbn.), Euphonium (Euph.), and Tuba (Tuba). The score continues the musical themes from the previous page with intricate woodwind and brass parts.

6

Fl. I
Fl. II
Cl. I
Cl. II
Cl. III
Alto Sax.
Ten. Sax.
Bass Sax.
Bassoon
Trp. I
Trp. II
Tbn. I
Tbn. II
Tbn. III
Euph.
Tuba
Perc.



Fl. I
Fl. II
Cl. I
Cl. II
Cl. III
Alto Sax.
Ten. Sax.
Bass Sax.
Bassoon
Trp. I
Trp. II
Tbn. I
Tbn. II
Tbn. III
Euph.
Tuba
Perc.

7



Oliveira da Serra

100

120

Copyright © Bruno Moreira

8

Fl. 1
Fl. 2
Cl. 1
Cl. 2
Cl. 3
Alto Sax.
Ten. Sax.
Bari. Sax.
Bsn.
Hr.
Tr.
Tr.
Tr.
Euph.
Tbn.
Perc.



Miho verde

Fl. 1
Fl. 2
Cl. 1
Cl. 2
Cl. 3
Alto Sax.
Ten. Sax.
Bari. Sax.
Bsn.
Hr.
Tr.
Tr.
Tr.
Euph.
Tbn.
Perc.

Copyright © Bruno Mars

Eu ouvi o passarinho

9

Musical score for 'Eu ouvi o passarinho' (measures 1-21). The score is arranged for a full orchestra and vocal soloists. The instruments listed on the left are Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Clarinet in C (Cl.), Clarinet in Bb (Cl.), Alto Saxophone (Alto Sax.), Tenor Saxophone (Ten. Sax.), Bass Saxophone (Bass. Sax.), Bassoon (Bsn.), Horn in F (Hrn.), Trumpet in C (Tbn.), Trombone (Tbn.), Euphonium (Euph.), Tuba (Tba.), and Timpani (Tm.). The score is divided into two sections, A and B, by vertical bar lines. Section A covers measures 1 through 18, and Section B covers measures 19 through 21. The vocal soloists (Alto Sax., Tenor Sax., Bass Sax.) have lyrics written below their staves.



Musical score for 'Eu ouvi o passarinho' (measures 22-33). The score continues from the previous page, listing the same instruments: Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Clarinet in C (Cl.), Clarinet in Bb (Cl.), Alto Saxophone (Alto Sax.), Tenor Saxophone (Ten. Sax.), Bass Saxophone (Bass. Sax.), Bassoon (Bsn.), Horn in F (Hrn.), Trumpet in C (Tbn.), Trombone (Tbn.), Euphonium (Euph.), Tuba (Tba.), and Timpani (Tm.). The score is divided into two sections, C and D, by vertical bar lines. Section C covers measures 22 through 28, and Section D covers measures 29 through 33. The vocal soloists (Alto Sax., Tenor Sax., Bass Sax.) have lyrics written below their staves.

Copyright © Bruno Moreira

Musical score for measures 10-19. The score includes vocal parts (Soprano, Alto, Tenor, Bass) and piano accompaniment (Piano, Trumpet, Trombone, Euphonium, Tuba). Chord markers 'D' and 'E' are present above the vocal lines. The piano part features a rhythmic accompaniment with chords and melodic lines.



Musical score for measures 20-29. The score includes vocal parts (Soprano, Alto, Tenor, Bass) and piano accompaniment (Piano, Trumpet, Trombone, Euphonium, Tuba). Chord marker 'F' is present above the vocal lines. The piano part continues with a rhythmic accompaniment and melodic lines.

11

Fl. 1
Fl. 2
Cl. 1
Cl. 2
Alto Sax.
Ten. Sax.
Bass. Sax.
Bass.
Hr.
Trp. 1
Trp. 2
Trp. 3
Tbn. 1
Tbn. 2
Tbn. 3
Perc.



12

Fl. 1
Fl. 2
Cl. 1
Cl. 2
Alto Sax.
Ten. Sax.
Bass. Sax.
Bass.
Hr.
Trp. 1
Trp. 2
Trp. 3
Tbn. 1
Tbn. 2
Tbn. 3
Perc.

Ti Anica de Loulé

Popular

12

Musical score for the first system of 'Ti Anica de Loulé'. The score is arranged in a grand staff format with 15 staves. The instruments listed on the left are: Fl. (Flute), Ob. (Oboe), Cl. (Clarinet), Cl. (Clarinet), Cl. (Clarinet), Alto Sax. (Alto Saxophone), Ten. Sax. (Tenor Saxophone), Bari. Sax. (Baritone Saxophone), Ban. (Bassoon), Hrn. (Horn), Trp. (Trumpet), Trp. (Trumpet), Trbn. (Trombone), Euph. (Euphonium), Tbn. (Tuba), and Perc. (Percussion). The score includes a key signature of one flat and a 2/4 time signature. A first ending bracket is present above the Flute staff, spanning measures 12 to 14. The music is primarily composed of rests in the upper woodwind and brass staves, with some melodic lines in the saxophone and bassoon parts.

13

Musical score for the second system of 'Ti Anica de Loulé'. The score continues with the same 15 staves as the first system. The instruments listed on the left are: Fl. (Flute), Ob. (Oboe), Cl. (Clarinet), Cl. (Clarinet), Cl. (Clarinet), Alto Sax. (Alto Saxophone), Ten. Sax. (Tenor Saxophone), Bari. Sax. (Baritone Saxophone), Ban. (Bassoon), Hrn. (Horn), Trp. (Trumpet), Trp. (Trumpet), Trbn. (Trombone), Euph. (Euphonium), Tbn. (Tuba), and Perc. (Percussion). The score includes a key signature of one flat and a 2/4 time signature. A first ending bracket is present above the Flute staff, spanning measures 15 to 17. The music continues with melodic lines in the saxophone and bassoon parts, and rests in the other staves.

Copyright © Bruno Mars

Papagaio Loiro

13

Musical score for 'Papagaio Loiro' featuring 13 staves. The staves are labeled as follows: Fl. (Flute), Ob. (Oboe), Cl. (Clarinet), Cl. (Clarinet), Alto Sax. (Alto Saxophone), Ten. Sax. (Tenor Saxophone), Bari. Sax. (Baritone Saxophone), Bsn. (Bassoon), Hrn. (Horn), Trp. (Trumpet), Trb. (Trumpet), Euph. (Euphonium), Tbn. (Tuba), and Perc. (Percussion). The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings.



Bailinho da Madeira

Musical score for 'Bailinho da Madeira' featuring 13 staves. The staves are labeled as follows: Fl. (Flute), Ob. (Oboe), Cl. (Clarinet), Cl. (Clarinet), Alto Sax. (Alto Saxophone), Ten. Sax. (Tenor Saxophone), Bari. Sax. (Baritone Saxophone), Bsn. (Bassoon), Hrn. (Horn), Trp. (Trumpet), Trb. (Trumpet), Euph. (Euphonium), Tbn. (Tuba), and Perc. (Percussion). The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. A copyright notice 'Copyright © Bruno Moreira' is visible at the bottom of the score.

Ao passar a ribeirinha

14

Musical score for 'Ao passar a ribeirinha'. The score is written for a full orchestra and includes parts for Flute 1 (Fl. 1), Flute 2 (Fl. 2), Clarinet in B-flat (Cl. Bb), Clarinet in E-flat (Cl. Eb), Alto Saxophone (Alto Sax.), Tenor Saxophone (Ten. Sax.), Bass Saxophone (Bass Sax.), Bassoon (Bsn.), Horn in F (Hr.), Trumpet (Tpa.), Trombone (Tbn.), Euphonium (Euph.), Tuba (Tba.), and Percussion (Perc.). The score begins with a tempo marking of *Andante* and a dynamic marking of *mf*. The music is in 3/4 time and features a melodic line in the woodwinds and strings.



Malhão malhão

Musical score for 'Malhão malhão'. The score is written for a full orchestra and includes parts for Flute 1 (Fl. 1), Flute 2 (Fl. 2), Clarinet in B-flat (Cl. Bb), Clarinet in E-flat (Cl. Eb), Alto Saxophone (Alto Sax.), Tenor Saxophone (Ten. Sax.), Bass Saxophone (Bass Sax.), Bassoon (Bsn.), Horn in F (Hr.), Trumpet (Tpa.), Trombone (Tbn.), Euphonium (Euph.), Tuba (Tba.), and Percussion (Perc.). The score is divided into two sections, G and H, marked with vertical lines. Section G starts with a key signature change to G major. The score includes various musical notations such as slurs, accents, and dynamic markings.

Copyright © Bruno Moreira

Não vás ao Mar Toivo

15

Musical score for page 15, measures 11-18. The score includes staves for Soprano (S.), Alto (A.), Tenor (T.), Bass (B.), Alto Sax (Alto Sax.), Tenor Sax (Ten. Sax.), Bass Sax (Bass Sax.), Bass (B.), Horn (Hn.), Trumpet (Tpt.), Trombone (Tbn.), French Horn (Frnh.), Trombone (Tbn.), and Percussion (Perc.). The music features vocal lines and instrumental accompaniment.



Musical score for page 15, measures 19-26. The score includes staves for Soprano (S.), Alto (A.), Tenor (T.), Bass (B.), Alto Sax (Alto Sax.), Tenor Sax (Ten. Sax.), Bass Sax (Bass Sax.), Bass (B.), Horn (Hn.), Trumpet (Tpt.), Trombone (Tbn.), French Horn (Frnh.), Trombone (Tbn.), and Percussion (Perc.). The music features vocal lines and instrumental accompaniment.

Copyright © Bruno Morais

Testemunhos

APPACDM Albergaria-a-Velha



Quarta-feira, 4 de junho de 2014, 23h49

Parabéns, Prof. Bruno, pelo trabalho espetacular que desenvolveu junto dos nossos utentes. Discrção, humildade, profissionalismo, dedicação e entrega, só se traduzem no que pudemos assistir ontem à noite no cineteatro. A alegria de cada um dos nossos utentes, os seus rostos iluminados, as suas gargalhadas, os seus olhares vivos e atentos à plateia, são a prova disso mesmo.

Naturalmente que ao Executivo da C.M também demonstramos todo o nosso apreço e revelamos a nossa satisfação, em especial à digníssima Sra. Vereadora, Dra. Catarina Mendes. Graças ao Programa Incluir + Música, foi possível desenvolver este trabalho espetacular, que fez vibrar todas as pessoas da plateia.

Aos jovens músicos que representaram as 5 Bandas do concelho, também um obrigado muito especial. A diferença esbate-se quando permitimos que isso aconteça. Ao partilharem o palco com os nossos utentes deram-lhes algo que jamais esquecerão.

Este agradecimento é extensivo a todos aqueles que nos quiseram presentear com a sua presença e os seus aplausos, dignificando a diferença e o trabalho que desenvolvemos.

Às colaboradoras da instituição e aos familiares dos utentes, um grande bem-haja pelo apoio e partilha neste momento tão especial.

Retirado do site <https://www.facebook.com/pages/APPACDM-Albergaria-a-Velha/148902765178494> em 19 de Setembro de 2014.

No âmbito do Projeto Incluir+, promovido pela C.M. de Albergaria-a-Velha, pela 1.ª vez, de Janeiro a Junho de 2014, alguns utentes da APPACDM tiveram a oportunidade de frequentar o atelier de música, sob a orientação do Prof. Bruno Moreira.

Cerca de 20 utentes viveram esta experiência de forma entusiasmante, divertida e descontraída.

Todas as sessões se pautaram pela alegria e entusiasmo dos participantes.

Lenta e gradualmente foram experimentando novos ritmos e adotando uma postura mais atenta e concentrada.

Descobriram uma forma diferente de viver e sentir os ritmos musicais. Forma essa, que nunca esquecerão, porque lhes proporcionou momentos inesquecíveis.

Graças ao empenho, dedicação, tranquilidade e tolerância do monitor, as dificuldades foram ultrapassadas, sendo visível que a motivação foi crescendo de semana a semana.

O espetáculo Pontes Sonoras foi o culminar desse processo, e acabou por ser o ponto de partida de outras apresentações para a APPACDM.

A música “transportada” e ensinada pelo Prof. Bruno trouxe uma magia inexplicável a todos os participantes, envolvendo-os de forma singular.

Responsável e Auxiliares da instituição.

Foi uma experiência diferente e especial. Por vezes esta população é esquecida pela sociedade devido às suas incapacidades e dificuldades em interagir com a própria. Esta experiência serviu para isso mesmo, para eles mostrarem o seu valor perante o público que os ouvia. O resultado final foi bastante gratificante, tanto para os músicos como para esta "população" que se achava incapaz e que, com o esforço e trabalho de todos conseguiu construir o espetáculo Pontes Sonoras.

Márcia Coelho, 17 anos.

Para mim a participação no Pontes Sonoras foi inesquecível e tive imenso orgulho em participar. Como jovem música de uma das bandas participantes, aquando do convite, fiquei ansiosa se seria capaz de corresponder ao desafio e, por outro lado, com grandes expectativas. Logo após os primeiros ensaios todas as minhas dúvidas se dissiparam e a ansiedade transformou-se no querer fazer mais e melhor e conseguir acompanhar os principais envolvidos, os participantes da APPACDM, cuja energia, vivacidade, alegria, e a vontade de mostrar os seus talentos contagiava tudo e todos. No espetáculo tudo isto foi visível, e comprovado pelos presentes, tornando um espetáculo único e mágico, demonstrando o trabalho colaborativo, a empatia e a cumplicidade vivida em palco, mas também envolvendo a plateia. Foi uma experiência magnífica e muito gratificante para todos e que deixa saudades.

Ana Ribeiro, 20 anos

Depois do tempo que já passou, apenas as recordações mais importantes ficaram. Lembro-me que no início era difícil comunicar e conviver com os utentes da APPACDM e que no fim todos conseguíamos segurar a mão deles, falar com eles e conviver com eles. Também foi bom conhecer músicos de outras bandas do concelho. Em geral foi uma experiência marcante para qualquer um que por lá passou, espero que possa haver uma segunda edição do espetáculo.

João Bastos, 14 anos.

Todos os documentos enviados às bandas

Apresentação do projecto educativo

O projecto educativo que pretendo realizar, tem em vista a participação das bandas filarmónicas do concelho, através das suas escolas e com isto, criar a necessidade de uma futura orquestra/banda do concelho, em que todas as bandas do concelho terão a sua participação. Esta futura formação, poderá ser pensada de forma diferente do habitual. O normal é funcionar por estágios e preparar concertos, mas com este projecto, pretende-se que seja um pouco mais do que isso. Para além de se poder apresentar do modo habitual, apresentar-se em outros formatos em que possa existir performances para além da música.

Neste projecto inicial, a orquestra/banda será um dos pontos de partida de trabalho, pois serão trabalhados conteúdos específicos para este tipo de formação, para além da interacção com o outro grupo. O objectivo não se centrará propriamente na música a ser executada, mas sim nas relações entre os diferentes elementos das duas comunidades envolvidas, proporcionadas através da música. A outra comunidade será a APPACDM – Albergaria-a-Velha, em que alguns dos seus utentes irão participar com os músicos num espectáculo final.

Pretende-se que quem queira participar consiga executar o seu instrumento, mas também interaja com os outros elementos da banda e com os outros elementos da outra comunidade. O espectáculo final não será um simples concerto, pois tem a pretensão que seja uma performance com todos os elementos do projecto.

A formação da banda será muito reduzida, pois o objectivo é que todos interajam e por isso o grupo de músicos não poderá ser muito extenso. Também será adaptável aos elementos que surgirem das bandas do concelho, pois toda a música será composta, com vista o grupo de músicos que virão e o trabalho com a APPACDM.

Toda a performance será criada com os elementos participantes, tendo em conta as capacidades dos participantes. Irá sendo criada, á medida que as sessões vão decorrendo. Logo a participação de todos os elementos nas sessões será de extrema importância.

Calendarização do projecto educativo “Pontes sonoras”

Os ensaios serão sempre pelas 13h30, no Cineteatro Alba. Umhas vezes serão na Sala Estúdio outras na Sala Principal.

As entradas no edifício para os ensaios, devem-se efectuar sempre pela porta das traseiras.

Os músicos deverão vir com roupa confortável.

Horários

13h30 – 17h00

Calendarização

05 de Abril (sábado)

15 de Abril (terça-feira)

17 de Abril (quinta-feira)

10 de Maio (sábado)

17 de Maio (sábado)

31 de Maio (sábado)

04 de Junho (quarta-feira) Apresentação na Sala Principal do Cineteatro Alba

DVD

Conteúdo

Vídeo integral do espetáculo

Entrevista no Canal Alb

CD

Conteúdo

Agenda

Boletim

Cancioneiro

Certificado

Fotos

Guião

Material gráfico

Recortes de jornal